

"Há esperanças, só não para nós."

Franz Kafka

1) DESTINO POESIA

“Quando nasci
Um anjo louco muito louco
Veio ler a minha mão”

Torquato Neto

a) SOBRE OS AUTORES:

a. Ana Cristina Cesar

Ana Cristina Cesar foi uma das principais representantes da **Poesia Marginal**, movimento literário conhecido também como Geração Mimeógrafo. Formada em Letras pela PUC-Rio, mestre em Comunicação pela UFRJ e em Teoria e Prática de Tradução Literária pela Universidade de Essex, na Inglaterra, Ana também foi poeta, jornalista, tradutora e crítica literária.

Nasceu no dia 02 de junho de 1952, no Rio de Janeiro, e foi em meio à geração do mimeógrafo que seu nome surgiu para a literatura brasileira. Movimento literário brasileiro das décadas de 1970 e 1980, a Poesia Marginal floresceu em um conturbado momento político, enfrentando a censura imposta pela ditadura militar. Ana diferenciou-se de seus contemporâneos por conta de um senso estético ímpar, além de um vasto repertório intelectual que levou sua poesia para além das agendas ideológicas. As principais características de sua poesia são a atração pelo insólito do cotidiano; ênfase na experiência existencial; valorização do coloquialismo; o discurso construído na primeira pessoa; o culto do instante, entre outras.

Ana Cristina Cesar cometeu suicídio aos 31 anos no dia 29 de outubro de 1983, no Rio de Janeiro. Para que você conheça um pouco mais a obra de um dos nomes mais talentosos da moderna poesia brasileira, o Brasil Escola selecionou cinco poemas de Ana Cristina Cesar que serão um convite para que você conheça mais sobre a escritora. Boa leitura!

<http://brasilecola.uol.com.br/literatura/ana-cristina-cesar.htm>

b. Cacaso

Mineiro de Uberaba, o poeta Antonio Carlos Ferreira de Brito (1944-1987), conhecido como Cacaso, viveu desde os onze anos no Rio de Janeiro. Cacaso estudou filosofia e lecionou teoria literária na PUC-RJ. Foi também ensaísta e letrista de música popular. Nesse último gênero foi parceiro de compositores como Edu Lobo, Francis Hime, Sueli Costa e Maurício Tapajós.

Para os mais jovens, que talvez não saibam identificar letras de Cacaso, basta citar duas: "Face a Face" (São as trapaças da sorte / são as graças da paixão); e "Lero-Lero" ("Sou brasileiro / de estatura

mediana / gosto muito de fulana / mas sicrana é quem me quer"). A primeira tem música de Sueli Costa. A outra, de Edu Lobo.

Na poesia, Cacaso estreia em 1967 com o livro *A Palavra Cerzida*. Nos anos 70, ele se destaca como um dos expoentes da chamada "geração mimeógrafo", que criaria a "poesia marginal". Os poetas "marginais" retomam alguns procedimentos do modernismo de 1922, a exemplo do coloquialismo, a crítica social e o poema-piada.

Alguns estudiosos fazem restrições à poesia marginal apontando sua falta de rigor. Eles vêem o movimento como uma imagem invertida das vanguardas originárias dos anos 50 (concretismo e afins). Enquanto estas são acusadas de formalistas, o pessoal da poesia marginal recebe a pecha de ter relaxado os procedimentos formais da poesia.

A poesia marginal ganhou especial divulgação após a publicação da coletânea *26 Poetas Hoje*, organizada por Heloísa Buarque de Hollanda, em 1976. Além de Cacaso, estão nessa antologia poetas como Francisco Alvim, Torquato Neto, José Carlos Capinan, Ana Cristina César e Waly Sailormoon.

Durante os anos 70, Cacaso lançou os livros *Grupo Escolar* (1974), *Segunda Classe* (1975), *Beijo na Boca* (1975) e *Na Corda Bamba* (1978). Em seguida, publicou ainda *Mar de Mineiro* (1982) e *Beijo na Boca e Outros Poemas* (1985), que reunia toda a sua produção até então. Em 2002 saiu, postumamente, sua poesia completa, que inclui todos os títulos citados aqui, mais poemas inéditos.

Um recurso muito praticado por Cacaso (e herdado do modernismo) é a paródia, com referências bem-humoradas a outros poetas. Em "Há Uma Gota de Sangue no Cartão Postal", por exemplo, o título lembra o livro de Mário de Andrade *Há uma Gota de Sangue em Cada Poema*. No mesmo poema há também citações da música popular — "Luar do Sertão", de Catulo da Paixão Cearense, e "Tropicália, de Caetano Veloso —, além da "Canção do Exílio", de Gonçalves Dias, e ainda do poema "Amor e Medo", de Casimiro de Abreu.

"Ex (3)" é o típico poema-piada. "Jogos Florais" esboça uma crítica ao chamado milagre econômico dos anos 70 e retorna à "Canção do Exílio". O espírito da paródia e da gozação estão em toda a obra de Cacaso. O poema que originou o título da coletânea *Mar de Mineiro* — um título que, por si só, anuncia um conteúdo jocoso — chama-se "Fazendeiro do Mar", uma óbvia brincadeira com o *Fazendeiro do Ar*, de Carlos Drummond de Andrade.

in <http://www.algumapoesia.com.br/poesia2/poesianet199.htm>

c. Paulo Leminski

Filho de Paulo Leminski e Áurea Pereira Mendes. Seu pai era de origem polaca e sua mãe filha de pai português e mãe brasileira de origem negra e indígena^[2], Paulo Leminski foi um filho que sempre chamou a atenção por sua intelectualidade, cultura e genialidade. Estava sempre à beira de uma explosão e assim produziu muito. É dono de uma extensa e relevante obra. Desde muito cedo, Leminski inventou um jeito próprio de escrever poesia, preferindo poemas breves, muitas vezes fazendo haicais, trocadilhos, ou brincando com ditados populares.^{[1][3]}

Em 1958, aos catorze anos, foi para o Mosteiro de São Bento em São Paulo e lá ficou o ano inteiro.^[3] Participou do I Congresso Brasileiro de Poesia de Vanguarda em Belo Horizonte onde conheceu Haroldo de Campos, amigo e parceiro em várias obras. Leminski casou-se, aos dezessete anos, com a desenhista e artista plástica Neiva Maria de Sousa (da qual se separou em 1968). Estreou em 1964 com cinco poemas na revista *Invenção*, dirigida por Décio Pignatari, em São Paulo, portavoz da poesia concreta paulista. Em 1965 tornou-se professor de História e de Redação em cursos

pré-vestibulares, e também era professor de judô. Classificado em 1966 em primeiro lugar no II Concurso Popular de Poesia Moderna.^[4]

Casou-se em 1968 com a também poetisa Alice Ruiz, com quem viveu durante vinte anos. Algum tempo depois de começarem a namorar, Leminski e Alice foram morar com a primeira mulher do poeta e seu namorado, em uma espécie de comunidade *hippie*. Ficaram lá por mais de um ano, e só saíram com a chegada do primeiro de seus três filhos: Miguel Ângelo (que morreu com dez anos de idade, vítima de um linfoma). Eles também tiveram duas meninas, Áurea (homenagem a sua mãe) e Estrela Ruiz Leminski. De 1969 a 1970 decidiu morar no Rio de Janeiro, retornando a Curitiba para se tornar diretor de criação e redator publicitário.

Dentre suas atividades, criou habilidade de letrista e músico. *Verdura*, de 1981, foi gravada por Caetano Veloso no disco *Outras Palavras*. A própria Bossa nova resulta, em partes iguais, da evolução normal da MPB e do feliz acidente de ter o modernismo criado uma linguagem poética, capaz de se associar com suas letras mais maleáveis e enganadoramente ingênuas às tendências de então da música popular internacional. A Jovem Guarda e o Tropicalismo, à sua maneira, atualizariam esse processo ao operar com outras correntes musicais e poéticas.^[4] Por sua formação intelectual, Leminski é visto por muitos como um poeta de vanguarda, todavia por ter aderido à contracultura e ter publicado em revistas alternativas, muitos o aproximam da geração de poetas marginais, embora ele jamais tenha sido próximo de poetas como Francisco Alvim, Ana Cristina César ou Cacaso. Por sua vez, em muitas ocasiões declarou sua admiração por Torquato Neto, poeta tropicalista e que antecipou muito da estética da década de 1970.

Na década de 1970, teve poemas e textos publicados em diversas revistas - como *Corpo Estranho*, *Muda Código* (editadas por Régis Bonvicino) e *Raposa*. Em 1975 - e lançou o seu ousado *Catatau*, que denominou "prosa experimental", em edição particular. Além de poeta e prosista, Leminski era também tradutor (traduziu para o castelhano e o inglês alguns trechos de sua obra *Catatau*, a qual foi traduzida na íntegra para o castelhano).

Na poesia de Paulo Leminski, por exemplo, a influência da MPB é tão clara que o poeta paranaense só poderia mesmo tê-la reconhecido escrevendo belas letras de música, como *Verdura*.

Músico e letrista, Leminski fez parcerias com Caetano Veloso, o grupo A Cor do Som e o a banda de punk rock Beijo AA Força^[5] entre 1970 e 1989. Teve influência da poesia de Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos, convivência com Régis Bonvicino, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Moraes Moreira, Itamar Assumpção, José Miguel Wisnik, Arnaldo Antunes, Wally Salomão, Antônio Cícero, Antonio Risério, Julio Plaza, Reinaldo Jardim, Regina Silveira, Helena Kolody, Turiba, Ivo Rodrigues.^[3] Sua casa, no bairro Pilarzinho, em Curitiba, era uma espécie de reduto da intelectualidade na capital paranaense, onde diversos artistas que estavam de passagem pela cidade aproveitavam a ocasião para trocarem informações, e realizar parcerias em composições musicais e poesias. Moraes Moreira, Gal Costa, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Toninho Vaz, Ademir Assumpção e Itamar Assumpção eram alguns dos artistas que o visitaram.^[6]

A música estava ligada às obras de Paulo Leminski, uma de suas paixões, proporcionando uma discografia rica e variada.

Entre 1984 e 1986, em Curitiba, foi tradutor de Petrônio, Alfred Jarry, James Joyce, John Fante, John Lennon, Samuel Beckett e Yukio Mishima, pois falava 6 línguas estrangeiras (inglês, francês, latim, grego, japonês, espanhol). Publicou o livro infanto-juvenil "Guerra dentro da gente", em 1986 em São Paulo.

Entre 1987 e 1989 foi colunista do Jornal de Vanguarda que era apresentado por Doris Giese na Rede Bandeirantes.

Paulo Leminski foi um estudioso da língua e cultura japonesas e publicou em 1983 uma biografia de Bashô. Além de escritor, Leminski também era faixa-preta de judô. Sua obra literária tem exercido marcante influência em todos os movimentos poéticos dos últimos 20 anos.

Morreu em 7 de junho de 1989, em consequência do agravamento de uma cirrose hepática que o acompanhou por vários anos.

www.jornaldapoesia.com.br

d. Torquato Neto

Torquato Pereira de Araújo Neto (Teresina PI, 1944 - Rio de Janeiro RJ, 1972). cursou Jornalismo no Rio de Janeiro, por volta de 1966, mas não chegou a concluir a faculdade. Nos anos seguintes compôs letras musicadas por Gilberto Gil ("Geléia Geral", "Louvação"), Caetano Veloso ("Deus Vos Salve a Casa Santa", "Ai de Mim", "Copacabana", "Mamãe, Coragem") e Edu Lobo ("Lua Nova", "Pra Dizer Adeus"). Entre 1970 e 1972 atuou nos filmes *Nosferatu no Brasil* e *A Múmia Volta a Atacar*, de Ivan Cardoso, e *Helô e Dirce*, de Luiz Otávio Pimentel. No período também criou e redigiu a coluna *Geléia Geral* no jornal carioca *Última Hora*. Em 1973 ocorreu a publicação póstuma de seu livro de poesia *Os Últimos Dias de Paupéria*, organizado por Ana Maria S. de Coraújo Duarte e Waly Salomão. Três anos depois, foram incluídos alguns de seus poemas na antologia *26 Poetas Hoje*, organizada por Heloísa Buarque de Hollanda em 1976. Em 1997 foram publicados quatro de seus poemas na antologia bilíngüe *Nothing the Sun Could Not Explain*, organizada por Michael Palmer, Régis Bonvicino e Nelson Ascher. Torquato Neto foi um dos compositores mais inovadores da canção popular dos anos de 1970.

Fonte: www.itaucultural.org.br

Veja também: <http://www.torquatoneto.com.br/>

e. Waly Salomão

Waly Salomão é representante do tropicalismo, movimento artístico criado no fim da década de 1960 que rompe as fronteiras entre o erudito e o popular, o moderno e o antigo, o nacional e o internacional, apontando o caráter sincrético e mestiço da cultura brasileira. O movimento incorpora influências do rock'and'roll, da contracultura e das vanguardas estéticas e tem repercussão no teatro de José Celso Martinez Corrêa (*O Rei da Vela*, encenado em 1967), no cinema de Glauber Rocha (*Terra em Transe*, exibido em 1967) e na música de Caetano Veloso e Gilberto Gil. Na poesia, o seu principal representante é Waly Salomão, que concilia recursos da poesia concreta, como a criação de neologismos, trocadilhos e a visualidade da escrita com o humor, a irreverência, a coloquialidade e a temática urbana, elementos típicos da poesia marginal, à qual pertencem autores como Chacal (1951), Francisco Alvim (1938) e Ana Cristina Cesar (1952 - 1983).

O autor estreia em 1972 com *Me Segura qu'Eu Vou Dar um Troço*, que traz desenhos e textos em prosa, com projeto gráfico do artista plástico Hélio Oiticica. O livro, escrito na prisão (o autor é detido na época do regime militar), faz diversas referências ao ambiente prisional ("Desenho de um revólver na parede"), mas não é um diário de reclusão nem uma novela de caráter realista; trata-se de um longo

poema em prosa que mescla realidade e imaginação, com um estilo retórico próximo à linguagem barroca, pelo uso da alegoria, da metáfora e da paródia do estilo profético, como nota o crítico Manuel da Costa Pinto.

Salomão pertence a uma geração que participa de fenômenos culturais como a contracultura, o movimento hippie, a revolução sexual, que deixam marcas em sua escrita, especialmente no livro *Stultifera Navis*, incluído em *Gigolô de Bibelôs* (1983), que traz poemas de forte oralidade e com ritmo bem marcado ("EMBRIAGUEZ / cesto de caju / claro de luna / olor de jasmim / teto de estrelas"), mesclados a outros que exploram a tipologia das letras e recursos de diagramação. Um poema de destaque nesse livro é *A Medida do Homem*, construído na forma de peça de teatro, com personagens como o Marujeiro da Lua, o Investigador Humanista e a Agente Loira Babalorixá de Umbanda, e as letras impressas em cor branca, sobre fundo negro. Em outros poemas, insere desenhos recortados de jornais e revistas, que funcionam como vinhetas, satirizando a linguagem dos anúncios publicitários. No fim do livro, Salomão inclui suas letras de música, talvez as criações mais conhecidas de sua obra, como a canção *Vapor Barato* ("Com minhas calças vermelhas / meu casaco de general / cheio de anéis / vou descendo / por todas as ruas / e vou tomar aquele velho navio").

Waly Salomão deixa obra numerosa, além de livros de poesia como *Surruprador de Souvenirs*, *Algaravias*, *Lábia*, *Tarifa de Embarque* e da antologia *O Mel do Melhor*, publica uma biografia de Hélio Oiticica, *Qual É o Parangolé*, e um livro de obras visuais, *Babilaques* (2007), em que o poeta mescla poesia, fotografia e artes plásticas.

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa55/waly-salomao>

Marginais ou Magistrais?

Cacaso era um poeta integral e um grande articulista da poesia marginal. Escrevia com humor e graça, seus ensaios nos surpreendiam. Fiel escudeiro em todas as situações: como poeta, como professor, como letrista, como amigo. O encontrei com os músicos Gereba e Fábio Paes, perdido nos sertões baianos, nos confins de Canudos, terra do beato Antônio Conselheiro, palco da guerra nos fins do século XIX. Foi justamente em outubro de 1987 durante a realização da Quarta Missa de Canudos – resistência do povo, noventa anos depois.

O escritor Roberto Schwarz, como bom caricaturista, pinçou bem os traços do nosso jovem poeta: "A estampa de Cacaso era rigorosamente 68: cabeludo, óculos John Lennon, sandálias, paletó vestido em cima de camisa de meia, sacola de couro. Nunca dele, entretanto, esses apetrechos de rebeldia vinham impregnados de outra conotação mais remota. Sendo um cavalheiro de masculinidade ostensiva, usava a sandália com meia soquete branca, exatamente como era obrigado no jardim-de-infância. A sua bolsa à tiracolo fazia pensar numa lancheira, o cabelo comprido lembrava a idade dos cachinhos, os óculos de vovó pareciam dele e o paletó, que emprestava um decoro meio duvidoso ao conjunto, também".

Já falecido há 20 anos, Cacaso não desapareceu do nosso panorama poético. Sua presença na década de 1970/1980 continua sendo uma forte referência para os poetas da geração 1980/1990. Cacaso tornou-se um dos ícones da poesia marginal, muito embora o rótulo não seja mais preciso para

demarcar todas as camadas que se tornou o solo em que sua poesia floresceu. Antecipou o boom dos versos dos anos 90 (poetas-professores), que contribuiu para sinalizar características gerais dessa geração. Através dessa tendência, Cacaso solucionou no desenvolvimento de sua poética, equalizando as relações entre poesia e vida, cotidiano e linguagem, tradição e contemporaneidade, ao apontar para caminhos estilísticos diversos.

Sua obra possui uma outra característica comum à poesia dos anos 90, como bem demonstram as letras claras e inventivas de suas parcerias: Cacaso foi parceiro de Sueli Costa, Edu Lobo, Djavan, Francis Hime, Toquinho, Toninho Horta, Sivuca, Danilo Caymmi, Elton Medeiros, Nelson Ângelo, Joyce, Mauricio Tapajós e outros. Na verdade, os malditos sempre estiveram na corda bamba, partiram rápidos como a vida: Torquato Neto, Tite de Lemos, Ana Cristina César, Paulo Leminski, Waly Salomão. Cacaso faleceu no Rio de Janeiro em 27 de dezembro de 1987, aos 43 anos, vítima de um infarte.

Publicado originalmente em www.revistaetcetera.com.br)

Sobre o autor : Gilfrancisco é jornalista, escritor, pesquisador e professor universitário. Publicou, dentre outros livros, " Gregório de Mattos o boca de todos os santos", e " Crônicas e poemas escolhidos de Sosígenes Costa.

Poesia Marginal, anos 70

Gilfrancisco Santos (Jornalista)

Exaurido o ciclo das vanguardas e instaurado o ciclo repressivo político e ideológico, só nos resta, à poesia brasileira, o espaço marginal da produção alternativa. Estávamos no início dos anos 70, quando um enorme e heterogêneo contingente de poetas investiu – usando como armas os seus versos – contra o sufoco da censura e repressão implantadas no Brasil a partir de 1964. Por que marginal? Didaticamente explicando, era porque, nessa época, os autores que não eram muitos conhecidos, não tinham seus textos publicados pelas grandes editoras. Eram eles mesmos que produziam seus textos e arrumavam uma forma de divulgá-los. Por isso, são conhecidos como poetas marginais e sua poesia, a poesia marginal. Muitos foram os poetas marginais dos anos setenta que se tornaram grandes letristas da música popular brasileira – MPB: Jorge Mautner (1941); Torquato Neto (1944-1972); Waly Salomão (1944-2003); Antônio Carlos Brito - Cacaso (1944-1988); Charles (1948); Chacal (1951); Geraldo Carneiro (1952); Antônio Risério (1953); Tite de Lemos; Ronaldo Santos; Ronaldo Bastos, Bernardo Vilhena (1949) dentre outros. O termo marginal vulgarizou-se no universo lingüístico brasileiro a partir da década de 50, quando os planos desenvolvimentistas geraram uma consciência eufórica do progresso. Acreditava-se na transformação rápida de um país subdesenvolvido numa nação de alto nível capitalista. Nos anos setenta, a palavra marginal associou-se à produção artística, principalmente literária, ultrapassando tanto o seu significado pejorativo, quanto econômico. A poesia marginal abriu um novo e vasto campo para a investigação literária, uma poética com textura gramatical complexa e eficiente.

Por outro lado, não é possível conceituar a "poesia marginal" sem efetuar um estudo dos temas, cuja rede a construiu. Ela trouxe, sem dúvida, a abertura, sensualizou o amor, erotizou o poema e falou claro sobre o que antes era velado e submerso na cena do sonho, ou seja, escandalizou. Durante os anos setenta, especificamente na Bahia e no Rio de Janeiro, o artigo do dia era poesia: nos bares da moda, nas portas de teatros, nos corredores das universidades, nos lançamentos, livrinhos circulam e se esgotam com rapidez. Alguns mimeografados, outros em xerox ou impressos em antigas tipografias suburbanas, raríssimos em offset, romperam o bloqueio das editoras aos novos escritores, em especial aos poetas; imprimindo em matrizes a sua poesia e depois as vendendo em praças públicas, elaborando um produto graficamente pobre, simples, cujo raio de ação, raras vezes, ultrapassava o ambiente onde foi confeccionado.

Ela é "marginal" na medida em que essas condições, bem como sua distribuição, era feita à margem da política editorial vigente, visto que a própria precariedade de sua produção a liberta do quadro alienante e dominador da cultura oficial. Desta forma, devemos destacar que este grau de artesanaria é

de suma importância, pois valoriza a relação autor-leitor através da obra, que se transforma não apenas em veículo mas em objeto lúdico da obra de arte.

Os anos de 1975-1976 no Rio, foram especialmente marcados por uma série de acontecimentos; de uma maneira ou de outra, relacionados com a produção literária, por exemplo: o número de livros de poesias alternativos lançados era bastante elevado bem como era curto o espaço de tempo entre um lançamento e outro. De certa maneira esse boom poderia ser explicado pelo autoritarismo vigente que, limitando a participação dos jovens na vida política, deixando-lhe aberta apenas a porta da literatura para onde foram canalizados os anseios, os traumas e as verdades de toda uma geração reprimida pelo poderio militar.

Do ponto de vista estético, as inovações dos "marginais", produtores intelectuais de editoração, limita-se ao anticonvencionalismo gráfico. Nela, estariam circunscritos os inúmeros textos da vanguarda, como recusa de uma linguagem do poder. Mas, tudo isso, Waly Sallormoon e Torquato Neto já anunciavam a virada do formalismo experimental, quando publicaram : *Me Segura qu'eu, vou dar um troço*, 1972, e *Os últimos dias de Paupéria*, 1973, para a nova produção poética de caráter informal.

Durante quase toda a década, houve inúmeras publicações em grupo ou separadamente: Navilouca, Qorpo Estranho, Polém, Pipa, Código, Muda, José, Anima, Gandaia, Escrita, Ficção, Desafio, Paralelo, Pólo Cultural, O Saco, Inéditos, Flor do Mal, GAM, Presença, Malasarte, Alguma Poesia, Intercâmbio, Graúna, Garatuja, Almanaque Biotônico Vitalidade, etc. Portanto, a editoração marginal ou independente continua a existir num país como o nosso, enfrentando todas as possíveis dificuldades, o escritor queira ou não, é sempre um marginal. Temos aqui a marginalidade editoria, a que se refere Heloisa Buarque de Holanda.

Grupo como Frenesi, da PUC, reunia professores e alunos, gente de duas gerações, uma, cuja trajetória se encontrava em melhor situação que o pessoal da "geração mimeógrafo" em termos de prestígio intelectual. O lançamento da coleção ocorreu em outubro de 1974, reunindo cinco trabalhos de autores diferentes: *Corações Veteranos*, Roberto Schwarz; *Passatempo*, Francisco Alvim; *Grupo Escolar*, Antonio Carlos de Brito (Cacaso); *Na busca do sete-estalo*, Geraldo Eduardo Carneiro; e *Motor*, João Carlos Pádua (textos e Bitas, fotos).

Nuvem Cigana, grupo originário da Escola de Comunicação, é talvez o que conseguiu mais notoriedade em virtude de se encontrar mais bem equipado e de ter tido também a maior permanência no tempo. Além de reunir uma grande diversidade de atividades (poetas, músicos, arquitetos, desenhistas) e até mesmo um bloco de Carnaval: o *Charme da Simpatia*.

Faziam parte do grupo: Charles, *Creme de lua*, *Perpétuo Socorro*, *Coração de Cavalo*; Chacal, *Quampérios*, *Olhos vermelhos*, *Nariz Aniz*, *Boca Roxa*; Ronaldo Bastos, *Canção de Búzios*; Guilherme Mandaro, *Hotel de Deus*; Bernardo Vilhena, *Atualidades Atlânticas*, era editor das revistas *Ponte* e *Malasartes*; Ronaldo Santos, *Vau Talvegue*, 14 bis.

Ao contrário dos outros grupos, que se caracterizam por reunir conjuntos bastante específicos de produtores, a coleção "*Vida de Artistas*" (1974-1975), agrupa pessoas diferentes e que se encontraram em meio a toda a movimentação e a conseqüente discussão do fenômeno da "poesia marginal", desta forma vão estar presentes poetas como: Cacaso, *Beijo na Boca*, *Segunda Classe* (com Luís Olavo); Eudoro Augusto, *A vida alheia*; Luís Olavo Fontes, *Prato Feito*; Chacal, *América*; Carlos Saldanha, *Aqueles papéis*.

É neste clima de repressão de "desbunde", de questionamento do próprio pensamento de "esquerda", de desarticulação da vida universitária e do movimento estudantil, é que surge *Folha de Rosto*, na Faculdade de Letras da UFRJ. Basicamente, o núcleo do grupo era formado pelo baiano Claudius Portugal (criador da marca), Adauto de Souza Santos, César Cardoso e Maria Parulla, que em setembro de 1975, editam a revista *Assim*, onde reunia textos teóricos sobre literatura, poemas, contos e entrevistas. Traz colaboradores como: Luis Soares Dulci, José Castelo, Sandra Castelo Branco, Severino Méier, Durval de Barros, além de seus organizadores. Boa parte desses colaboradores vai aparecer na antologia *Folha de Rosto*.

Ainda neste ano, o poeta Claudius Portugal lança seu primeiro livro *Konfa & Marafona* (Carta à Família) – contos, com prefácio de Heloisa Buarque de Holanda. Deste livro, deveria participar

Adauto, mas, no entanto, problemas surgiram durante sua impressão, impossibilitando a idéia inicial do projeto, em reunir contos e poemas. O livro de Adauto foi editado posteriormente, alguns meses depois, precisamente em novembro e se intitulava Konfa & Marafona II, com subtítulo de (Urbanóide).

A publicação seguinte a aparecer foi à antologia Folha de Rosto, em 1976, que vinha novamente reunir estas mesmas pessoas da Faculdade de Letras, além de outras a elas ligadas. O último trabalho do grupo, ainda pelo selo Folha de Rosto é o livro que Claudius publicaria nesse mesmo ano, Em Mãos, esse agora de poemas, acompanhado de desenhos e algumas fotos.

Fonte:<http://www.jornaldacidade.net/noticia.php?id=44833&PHPSESSID=118879af278fcc88a9b0fb556efd1e62>)

SOBRE O LIVRO:

- Forma livre/ versos brancos;
- Uso de musicalidade (anáforas, assonâncias, aliterações);
- Gênero predominante: Lírico
- Linguagem bem elaborada e culta, em alguns poemas, e em outros há o uso de uma linguagem banal e casual;
- Trabalha com o cotidiano como referência;
- Poetas considerados marginais;
- Uso intenso de intertextualidade;
- Possível comparação:
 - Semelhança com Manoel de Barros já que este autor busca na simplicidade das coisas a essência da sua arte, enquanto Dora espelha-se na grandiloquência mitológica.
 - Temas críticos aos moldes de Lima Barreto e Mia Couto;

- Poesia marginal;
- Ruptura sócio – cultural;

Exercícios

Questão 01

Leia os textos de Ana Cristina Cesar e identifique a questão correta:

Texto I

Flores do mais

Devagar escreva
uma primeira letra
escreva
nas imediações construídas

pelos furacões;
devagar meça
a primeira pássara
bisonha que
riscar
o pano de boca
aberto
sobre os vendavais;
devagar imponha
o pulso
que melhor
souber sangrar
sobre a faca
das marés;
devagar imprima
o primeiro olhar
sobre o galope molhado
dos animais; devagar
peça mais
e mais e
mais

Destino Poesia. Ana Cristina Cesar. Italo Mariconi(org). 2016.

Texto II

Vacilo da vocação

Precisaria trabalhar - afundar -
- como você - saudades loucas -
nessa arte - ininterrupta -
de pintar -

A poesia não - telegráfica - ocasional -
me deixa sola - solta -
à mercê do impossível -
do real.

Destino Poesia. Ana Cristina Cesar. Italo Mariconi(org). 2016.

- a) Há em ambos os textos uma intertextualidade com a poesia francesa.
- b) Por ser Cristina uma escritora marginal, fora presa no contexto da ditadura, sendo visível isso no texto I.
- c) Recursos como trocadilhos e metalinguagens são comuns no contexto de Ana Cristina Cesar e verificável nos textos acima, respectivamente.
- d) Não há intenção de críticas sociais nos poemas acima, bem como no contexto dos anos 1970 na arte poética.

Questão 02

A poesia de Cacaso segue uma perspectiva que se aproxima da escrita de Paulo Leminski em aspectos ora temáticos ora estruturais. Sendo assim, analise os textos abaixo e na sequência identifique a alternativa correta.

Texto I

LAR DOCE LAR

Para Maurício Maestro

Minha pátria é minha infância:
Por isso vivo no exílio.

Cacaso

Texto II

PASSOU UM VERSINHO voando? Ou foi uma gaiotai

Cacaso

Texto III

Duas folhas na sandália

O outono
Também quer andar

Paulo Leminski

Texto IV

Morreu o periquito
A gaiola vazia
Esconde um grito

Paulo Leminski

Após a leitura dos poemas de Paulo Leminski e Cacaso, poetas dos anos de 1960 e 1970, é possível identificar algumas características interessantes ora de semelhança estilística ora de temática. É possível identificar nos poemas

- a) Aproximam-se os poemas por temas, como a crítica social.

- b) Liberdade de escrita e busca por temáticas negativas.
- c) Estética aos moldes modernistas e busca por situações banais.
- d) Observação reflexiva quanto ao processo de metalinguagem.
- e) Observação de problemas no contexto pós 1964.

Questão 03

Leia o poema “Let’s play that music” de Torquato Neto:

quando eu nasci
um anjo louco muito louco
veio ler a minha mão
não era um anjo barroco
era um anjo muito louco, torto
com asas de avião

eis que esse anjo me disse
apertando minha mão
com um sorriso entre dentes
vai bicho desafinar
o coro dos contentes

(...)

É possível realizar algumas deduções após a leitura do poema:

- a) Há uma falha estrutural como crítica ao movimento barroco.
- b) O anjo do poema é uma alusão a religiosidade.
- c) O poema reconta a história previamente mencionado por Chico Buarque.
- d) A intertextualidade traz menção ao poema de Drummond, como origem.
- e) Critica a sociedade e a forma superficial em que ela se sustenta.

Questão 04

Orapronobis

[Tira-teima da cidadezinha de Tiradentes]

Café coado.
Cafungo minha dose diária de Murilo e Drummond.
Lápis de ponta fina.
Lá detrás daquela serra
Estamparam um desenho de Tarsila na paisagem.
Menino que pega ovo no ninho de seriema.
Pessoas sentadas nos bancos de calcário
Dão a vida por um dedo de prosa.

Cada vereador deposita na mesa da câmara
A grosa de pássaros pretos que conseguiu matar
Árdua labuta pra hoje em dia
Pois quase já não há
Pássaros pretos no lugar.
De tarde gritaria das maritacas
Encobre o piano arpejando o "Noturno" de Chopin.

(...)

O poema de Waly Salomão “orapronobis” é marca do estilo *sui generis* que o autor trouxe aos seus leitores com muita irreverência, com recursos estilísticos e com habilidade de associações inusitadas. Isso pode ser evidenciado no item

- a) Houve a utilização de uma linguagem e de um estilo aos moldes simbolistas, demonstrando erudição do autor.
- b) As intertextualidades e os trocadilhos marcam alguns dos pontos de habilidade do autor na escrita.
- c) A referência à música é um recurso apenas para se sobrepor intelectualmente aos seus pares nos anos de 1960.
- d) A referência a Minas Gerais se restringe à expressão abaixo do título, como recurso de retomada de memória.

2) MORTE E VIDA SEVERINA (Severina seria um adjetivo com o sentido de difícil, complicada, severa, e durante a obra sendo um substantivo para o nome do personagem. Além disso, há a ideia da inversão da ordem entre vida e morte, justificado pela morte aparecer no decorrer da obra inteira no sertão como algo constante e a vida possuir um lampejo ao final do enredo.)

“Escrever é estar no extremo de si mesmo.”

João Cabral de Melo Neto

SOBRE O(A) AUTOR (A): João Cabral de Melo Neto

João Cabral de Melo Neto nasceu na cidade do Recife, a 6 de janeiro de 1920 e faleceu no dia 9 de outubro de 1999, no Rio de Janeiro, aos 79 anos. Eleito membro da Academia Brasileira de Letras em 15 de agosto de 1968, tomou posse em 6 de maio de 1969. Foi recebido por José Américo.

Filho de Luís Antônio Cabral de Melo e de Carmen Carneiro Leão Cabral de Melo. Parte da infância de João Cabral foi vivida em engenhos da família nos municípios de São Lourenço da Mata e de Moreno. Aos dez anos, com a família de regresso ao Recife, ingressou João Cabral no Colégio de Ponte d’Uchoa, dos Irmãos Maristas, onde permanece até concluir o curso secundário. Em 1938 frequentou o Café Lafayette, ponto de encontro de intelectuais que residiam no Recife.

Dois anos depois a família transferiu-se para o Rio de Janeiro mas a mudança definitiva só foi realizada em fins de 1942, ano em que publicara o seu primeiro livro de poemas - "Pedra do Sono".

No Rio, depois de ter sido funcionário do DASP, inscreveu-se, em 1945, no concurso para a carreira de diplomata. Daí por diante, já enquadrado no Itamarati, inicia uma longa peregrinação por diversos países, incluindo, até mesmo, a República africana do Senegal. Em 1984 é designado para o posto de cônsul-geral na cidade do Porto (Portugal). Em 1987 volta a residir no Rio de Janeiro.

A atividade literária acompanhou-o durante todos esses anos no exterior e no Brasil, o que lhe valeu ser contemplado com numerosos prêmios, entre os quais - Prêmio José de Anchieta, de poesia, do IV Centenário de São Paulo (1954); Prêmio Olavo Bilac, da Academia Brasileira de Letras (1955); Prêmio de Poesia do Instituto Nacional do Livro; Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro; Prêmio Bienal Nestlé, pelo conjunto da Obra e Prêmio da União Brasileira de Escritores, pelo livro "Crime na Calle Relator" (1988).

Em 1990 João Cabral de Melo Neto é aposentado no posto de Embaixador. A Editora Nova Aguilar, do Rio de Janeiro, publica, no ano de 1994, sua "Obra completa".

A um importante trabalho de pesquisa histórico-documental, editado pelo Ministério das Relações Exteriores, deu João Cabral o título de "O Brasil no arquivo das Índias de Sevilha". Com as comemorações programadas neste final do século, relacionadas com os feitos dos navegadores espanhóis e portugueses nos anos que antecederam ou se seguiram ao descobrimento da América, e, em particular ao do Brasil, a pesquisa de João Cabral assumiu valor inestimável para os historiadores dos feitos marítimos, praticados naquela época.

Da obra poética de João Cabral pode-se mencionar, ao acaso, pela sua variedade, os seguintes títulos: "Pedra do sono", 1942; "O engenheiro", 1945; "O cão sem plumas", 1950; "O rio", 1954; "Quaderna", 1960; "Poemas escolhidos", 1963; "A educação pela pedra", 1966; "Morte e vida severina e outros poemas em voz alta", 1966; "Museu de tudo", 1975; "A escola das facas", 1980; "Agreste", 1985; "Auto do frade", 1986; "Crime na Calle Relator", 1987; "Sevilla andando", 1989.

Em prosa, além do livro de pesquisa histórica já citado, João Cabral publicou "Juan Miró", 1952 e "Considerações sobre o poeta dormindo", 1941.

Os "Cadernos de Literatura Brasileira", notável publicação editada pelo Instituto Moreira Salles - dedicou seu Número I - março de 1996, ao poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto, com selecionada colaboração de escritores brasileiros, portugueses e espanhóis e abundante material iconográfico.

<http://www.academia.org.br/academicos/joao-cabral-de-melo-neto/biografia>

SOBRE O LIVRO:

- forma metrificadas com grande rigidez;
- gênero predominante: Dramático-Lírico;
- Linguagem simplista e aproximação do falar rústico do interior;
- Uso de regionalismo;
- Baseia-se nos temas:
 - Cotidiano;
 - Vida sertaneja;
 - Reflexão sobre a vida;

- Explora a imagética / imaginação/ mistura de sensações;
- Para João Cabral de Melo Neto esta obra serve para explorar as sensações mais intensas temáticas quanto às desigualdades sociais, logo se transformando em uma obra-denúncia, pois apresenta ao leitor muitos dos problemas enfrentados pelo sertanejo, além de representar como é a estratificação social quando este chega a capital do estado e se depara mais ainda com uma sociedade segregadora.

ENREDO

Trechos da Obra

O tempo é cronológico, mas não há pistas em que época exatamente se passou. A seca é o único marcador; o que torna a obra eternizada. O tempo e o espaço contribuem para o caráter de denúncia social do texto.

- O espaço conta com a ida de um lugar para o outro: o retirante sai do Agreste e vai para a Caatinga, da Zona da Mata para Recife. Severino, durante esse deslocamento, depara-se com tantas mortes e miséria que pensa em se atirar no rio e apressar a própria morte.
- O personagem Severino narra a história em primeira pessoa. Além disso, a obra é composta de monólogos e diálogos com outros personagens.

Para compreender melhor a linguagem que João Cabral utiliza na obra, confira abaixo alguns trechos:

O RETIRANTE EXPLICA AO LEITOR QUEM É E A QUE VAI

— O meu nome é Severino, como não tenho outro de pia. Como há muitos Severinos, que é santo de romaria, deram então de me chamar Severino de Maria como há muitos Severinos com mães chamadas Maria, fiquei sendo o da Maria do finado Zacarias.

O RETIRANTE TEM MEDO DE SE EXTRAVIAR POR SEU GUIA, O RIO CAPIBARIBE, CORTOU COM O VERÃO

— Antes de sair de casa aprendi a ladainha das vilas que vou passar na minha longa descida. Sei que há muitas vilas grandes, cidades que elas são ditas sei que há simples arruados, sei que há vilas pequeninas, todas formando um rosário cujas contas fossem vilas, de que a estrada fosse a linha. Devo rezar tal rosário até o mar onde termina, saltando de conta em conta, passando de vila em vila.

CANSADO DA VIAGEM O RETIRANTE PENSA INTERROMPÊ-LA POR UNS INSTANTES E PROCURAR TRABALHO ALI ONDE SE ENCONTRA

— Desde que estou retirando só a morte vejo ativa, só a morte deparei e às vezes até festiva só a morte tem encontrado quem pensava encontrar vida, e o pouco que não foi morte foi de vida severina (aquela vida que é menos vivida que defendida, e é ainda mais severina para o homem que retira).

O RETIRANTE RESOLVE APRESSAR OS PASSOS PARA CHEGAR LOGO AO RECIFE

— Nunca esperei muita coisa, digo a Vossas Senhorias. O que me fez retirar não foi a grande cobiça o que apenas busquei foi defender minha vida de tal velhice que chega antes de se inteirar trinta se na serra vivi vinte, se alcancei lá tal medida, o que pensei, retirando, foi estendê-la um pouco ainda. Mas não senti diferença entre o Agreste e a Caatinga, e entre a Caatinga e aqui a Mata a diferença é a mais mínima.

O CARPINA FALA COM O RETIRANTE QUE ESTEVE DE FORA, SEM TOMAR PARTE DE NADA

— Severino, retirante, deixe agora que lhe diga: eu não sei bem a resposta da pergunta que fazia, se não vale mais saltar fora da ponte e da vida nem conheço essa resposta, se quer mesmo que lhe diga é difícil defender, só com palavras, a vida, ainda mais quando ela é esta que vê, severina mas se responder não pude à pergunta que fazia, ela, a vida, a respondeu com sua presença viva.

EXERCÍCIOS

Questão 01

“Os rios que correm aqui
têm a água vitalícia.
Cacimbas por todo lado;
Cavando o chão, água mina.
Vejo agora que é verdade
O que pensei ser mentira
Quem sabe se nesta terra
Não plantarei minha sina?
Não tenho medo de terra
(cavei pedra toda a vida),
e para quem buscou a braço
contra a piçarra da Caatinga
será fácil amansar
esta aqui, tão feminina”

(MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida Severina e outros poemas para vozes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. p. 41.)

piçarra: material semidecomposto da mistura de fragmentos de rocha, areia e concreções ferruginosas.
Em relação ao trecho acima, de *Morte e Vida Severina*, considere as afirmativas.

I. Esses versos referem-se ao momento em que Severino chega à zona da mata e encontra a terra mais macia. Isso nos é revelado num estilo suave e melodioso, em que a sonoridade das palavras expressa o entusiasmo do retirante.

II. "Rios", "cacimbas", "água vitalícia" e "água mina" são expressões que remetem a um pensamento positivo sobre a região por onde passa o retirante Severino. Isso mostra a sua alegria por ter encontrado um lugar onde ele viverá com toda a sua família até a morte.

III. Nesse trecho Severino encontra o que procura: água e, conseqüentemente, vida. Isso está retratado nos versos "Não tenho medo de terra/ (cavei pedra toda a vida)".

1. A expressão "tão feminina" do último verso é uma metáfora de terra macia, fácil de trabalhar, e se opõe à expressão "piçarra da Caatinga", que significa terra dura, pedregosa.

2. Os versos "Os rios que correm aqui/ têm a água vitalícia" significam que os rios nunca morrem. Essa constatação refere-se à região da Caatinga, onde Severino vive sua saga.

Assinale a alternativa correta.

- a) Apenas as afirmativas I, III e V são corretas.
- b) Apenas as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Apenas as afirmativas I, II e V são corretas.
- d) Apenas as afirmativas I, II e IV são corretas.
- e) Apenas as afirmativas IV e V são corretas.

Questão 02

*Só os roçados da morte
compensam aqui cultivar,
e cultivá-los é fácil:
simples questão de plantar;
não se precisa de limpa,
de adubar nem de regar;
as estiagens e as pragas
fazem-nos mais prosperar;
e dão lucro imediato;
nem é preciso esperar
pela colheita: recebe-se
na hora mesma de semear.*

João Cabral de Melo Neto, *Morte e vida severina*

Nos versos acima, a personagem da "rezadora" fala das vantagens de sua profissão e de outras semelhantes. A seqüência de imagens neles presente tem como pressuposto imediato a idéia de:

- a) sepultamento dos mortos.
- b) dificuldade de plantio na seca.
- c) escassez de mão-de-obra no sertão.
- d) necessidade de melhores contratos de trabalho.
- e) técnicas agrícolas adequadas ao sertão.

Questão 03

No poema *Morte e vida severina*, podem-se reconhecer as seguintes características da poesia de João Cabral de Melo Neto:

- a) sátira aos coronéis do Nordeste e versos inflamados.
- b) experimentalismo concretista e temática urbana.
- c) memorialismo nostálgico e estilo oral.
- d) personagens da seca e linguagem disciplinada.
- e) descrição da paisagem e intenso subjetivismo.

Questão 04

Leia o texto com atenção e responda à questão.

— *O meu nome é Severino
não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;
como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias.
Mas isso ainda diz pouco:
há muito na freguesia,
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria.
Como então dizer quem fala
ora a Vossas Senhorias?
Vejam: é o Severino
da Maria do Zacarias,
lá da Serra da Costela,
limites da Paraíba.
Mas isso ainda diz pouco:
se ao menos mais cinco havia*

*com nome de Severino
filhos de tantas Marias
mulheres de outros tantos,
já finados, Zacarias,
vivendo na mesma serra
magra e ossuda em que eu vivia.
Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta.
E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).*

João Cabral de Melo Neto, *Morte e Vida Severina*

É possível identificar nesse excerto características:

- a) regionalistas, uma vez que há elementos do sertão brasileiro.
- b) vanguardistas, pois o tratamento dispensado à linguagem é absolutamente original.
- c) existencialistas, pois há a preocupação em revelar a sensação de vazio do homem do sertão.
- d) naturalistas, porque identifica-se em Severino as características típicas do herói do século XIX.
- e) surrealistas, já que existe uma apelação ao onírico e ao fantástico.

3) QUINCAS BORBA (representa uma “quase” sequência para Memórias póstumas de Brás Cubas, a partir da representação de enredo vinculada com um personagem que lá apareceu com alguma relevância.)

“Não é amigo aquele que alardeia a amizade: é traficante; a amizade sente-se, não se diz”

Machado de Assis

SOBRE O(A) AUTOR (A): Lima Barreto

Machado de Assis (Joaquim Maria Machado de Assis), jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 21 de junho de 1839, e faleceu também no Rio de Janeiro, em 29 de setembro de 1908. É o fundador da cadeira nº. 23 da Academia Brasileira de Letras. Velho amigo e admirador de José de Alencar, que morrera cerca de vinte anos antes da fundação da ABL, era natural que Machado escolhesse o nome do autor de *O Guarani* para seu patrono. Ocupou por mais de dez anos a presidência da Academia, que passou a ser chamada também de Casa de Machado de Assis.

Filho do pintor e dourador Francisco José de Assis e da açoriana Maria Leopoldina Machado de Assis, perdeu a mãe muito cedo, pouco mais se conhecendo de sua infância e início da adolescência. Foi criado no Morro do Livramento. Sem meios para cursos regulares, estudou como pôde e, em 1854, com 15 anos incompletos, publicou o primeiro trabalho literário, o soneto “À Ilma. Sra. D.P.J.A.”, no *Periódico dos Pobres*, número datado de 3 de outubro de 1854. Em 1856, entrou para a Imprensa Nacional, como aprendiz de tipógrafo, e lá conheceu Manuel Antônio de Almeida, que se tornou seu protetor. Em 1858, era revisor e colaborador no *Correio Mercantil* e, em 1860, a convite de Quintino Bocaiúva, passou a pertencer à redação do *Diário do Rio de Janeiro*. Escrevia regularmente também para a revista *O Espelho*, onde estreou como crítico teatral, a *Semana Ilustrada* e o *Jornal das Famílias*, no qual publicou de preferência contos.

O primeiro livro publicado por Machado de Assis foi a tradução de *Queda que as mulheres têm para os tolos* (1861), impresso na tipografia de Paula Brito. Em 1862, era censor teatral, cargo não remunerado, mas que lhe dava ingresso livre nos teatros. Começou também a colaborar em *O Futuro*, órgão dirigido por Faustino Xavier de Novais, irmão de sua futura esposa. Seu primeiro livro de poesias, *Crisálidas*, saiu em 1864. Em 1867, foi nomeado ajudante do diretor de publicação do *Diário Oficial*. Em agosto de 1869, morreu Faustino Xavier de Novais e, menos de três meses depois (12 de novembro de 1869), Machado de Assis se casou com a irmã do amigo, Carolina Augusta Xavier de Novais. Foi companheira perfeita durante 35 anos.

O primeiro romance de Machado, *Ressurreição*, saiu em 1872. No ano seguinte, o escritor foi nomeado primeiro oficial da Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, iniciando assim a carreira de burocrata que lhe seria até o fim o meio principal de sobrevivência. Em 1874, *O Globo* (jornal de Quintino Bocaiúva), publicou em folhetins, o romance *A mão e a luva*. Intensificou a colaboração em jornais e revistas, como *O Cruzeiro*, *A Estação*, *Revista Brasileira* (ainda na fase Midosi), escrevendo crônicas, contos, poesia, romances, que iam saindo em folhetins e depois eram publicados em livros. Uma de suas peças, *Tu, só tu, puro amor*, foi levada à cena no Imperial Teatro Dom Pedro II (junho de 1880), por ocasião das festas organizadas pelo Real Gabinete Português de Leitura para comemorar o tricentenário de Camões, e para essa celebração especialmente escrita. De 1881 a 1897, publicou na *Gazeta de Notícias* as suas melhores crônicas. Em 1880, o poeta Pedro Luís Pereira de Sousa assumiu o cargo de ministro interino da Agricultura, Comércio e Obras Públicas e convidou Machado de Assis para seu oficial de gabinete (ele já estivera no posto, antes, no gabinete de Manuel Buarque de Macedo). Em 1881 saiu o livro que daria uma nova direção à carreira literária de Machado de Assis - *Memórias póstumas de Brás Cubas*, que ele publicara em folhetins na *Revista Brasileira* de 15 de março a 15 de dezembro de 1880. Revelou-se também extraordinário contista em *Papéis avulsos* (1882) e nas várias coletâneas de contos que se seguiram. Em 1889, foi promovido a diretor da Diretoria do Comércio no Ministério em que servia.

Grande amigo de José Veríssimo, continuou colaborando na *Revista Brasileira* também na fase dirigida pelo escritor paraense. Do grupo de intelectuais que se reunia na redação da *Revista*, e principalmente de Lúcio de Mendonça, partiu a ideia da criação da Academia Brasileira de Letras, projeto que Machado de Assis apoiou desde o início. Comparecia às reuniões preparatórias e, no dia 28 de janeiro de 1897, quando se instalou a Academia, foi eleito presidente da instituição, à qual ele se devotou até o fim da vida.

A obra de Machado de Assis abrange, praticamente, todos os gêneros literários. Na poesia, inicia com o romantismo de *Crisálidas* (1864) e *Falenas* (1870), passando pelo Indianismo em *Americanas* (1875), e o parnasianismo em *Ocidentais* (1901). Paralelamente, apareciam as coletâneas de *Contos fluminenses* (1870) e *Histórias da meia-noite* (1873); os romances *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878), considerados como pertencentes ao seu período romântico.

A partir daí, Machado de Assis entrou na grande fase das obras-primas, que fogem a qualquer denominação de escola literária e que o tornaram o escritor maior das letras brasileiras e um dos maiores autores da literatura de língua portuguesa.

A obra de Machado de Assis foi, em vida do Autor, editada pela Livraria Garnier, desde 1869; em 1937, W. M. Jackson, do Rio de Janeiro, publicou as *Obras completas*, em 31 volumes. Raimundo Magalhães Júnior organizou e publicou, pela Civilização Brasileira, os seguintes volumes de Machado de Assis: *Contos e crônicas* (1958); *Contos esparsos* (1956); *Contos esquecidos* (1956); *Contos recolhidos* (1956); *Contos avulsos* (1956); *Contos sem data* (1956); *Crônicas de Lélío* (1958); *Diálogos e reflexões de um relojoeiro* (1956).

<http://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/biografia>

SOBRE O LIVRO E O ESTILO DO AUTOR:

- Gênero Narrativo
- Subgênero: reflexão social e existencial
- Cotidiano como base da produção literária
- Fatos banais causam um profundo processo de reflexão
- Linguagem culta
- Criticar o mundo circundante para despertar alternativas renovadoras dos costumes e de práticas que, na sociedade, privilegiavam pessoas e grupos.
- Função social.
- Críticas à sociedade burguesa.

Machado de Assis apresenta, ainda, alguns pontos que são sua mais intensa atemporalidade enquanto escritor do século XIX que conseguiu adentrar os mais profundos pormenores daquilo que se chama “Ser humano”, ora por utilizar recursos bastante peculiares ora por demonstrar uma erudição tremendamente comparativa. Isso evidencia-se com:

- 1) Ironia, ou ironia machadiana;
- 2) Metalinguagem;
- 3) Intertextualidades;
- 4) Metáforas;
- 5) Flash – backs;
- 6) Digressões;
- 7) Críticas sociais;

ENREDO

Publicada entre 15/06/1886 a 15/09/1891 na revista Estação, é a continuação da obra Memórias Póstumas de Brás Cubas.

Inicialmente o livro de Romance, que tem um foco narrativo em 3 pessoa, tem como tema a loucura despertada, através de um processo que ativa fatores latentes. Com isso, o autor joga com palavras que simulam oscilações da estrutura que a substância, transformando de repente a personagem de “professor em capitalista”.

Para os realistas, essa verdade poderia ser alcançada por intermédio dos recursos da ciência, do Positivismo, do Determinismo, do Evolucionismo. No entanto, Machado foi além, questionando até mesmo os fundamentos realistas.

A OBRA

O enredo gira em torno da vida de Pedro Rubião de Alvarenga, ex-professor primário, que torna-se enfermeiro e discípulo do filósofo Quincas Borba, que falece no Rio, na casa de Brás Cubas. Com isso, Rubião é nomeado herdeiro universal do filósofo, sob a condição de cuidar de seu cachorro, de nome Quincas Borba também.

Rubião, então, parte para o Rio de Janeiro e, na viagem, conhece o capitalista Cristiano de Almeida e Palha e também Sofia que lhe dispensava olhares e delicadezas. Sofia era mulher de Cristiano, mas Rubião se apaixonou por ela, tendo em vista o modo em que os dois entraram em sua vida. O amor era tão grande que Rubião foi obrigado a assumi-lo perante Sofia. Para o espanto, Sofia recusa seu amor, mesmo tendo lhe dado esperanças tempos atrás, e conta o fato para Cristiano.

Apesar de sua indignação, o capitalista continua suas relações com Rubião pois queria obter os restos da fortuna que ainda existia. O amor de Sofia, não correspondido, aos poucos começa a despertar a loucura em Rubião. Essa loucura o levou à morte e foi comparada à mesma que causou o falecimento de Quincas Borba. Louco e explorado por várias pessoas, principalmente Palha e Sofia, Rubião morre na miséria e assim se exemplifica a tese do humanismo

A FILOSOFIA

Esta obra representa a filosofia inventada por Quincas Borba, de que a vida é um campo de batalha onde só os mais fortes sobrevivem e que fracos e ingênuos (teoria das tribos indígenas), como Rubião, são manipulados e aniquilados pelos superiores e espertos, como Palha e Sofia, que no fim da obra terminam vivos e ricos.

HUMANISTAS

Princípio de Quincas Borba: “Nunca há morte. Há encontro de duas expansões, ou expansão de duas formas”.

Explicando de uma melhor maneira, criou a frase: “Ao vencedor, as batatas”, princípio esse que marcou e é o enfoque principal do enredo.

-“Supões-se em um capo de duas tribos famintas. As batatas apenas chegavam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas

em abundância; mas se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrerão de inanição. A paz, neste caso, é a destruição; a guerra, é a esperança.

Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí, a alegria da vitória, os hinos, as aclamações. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se. Ao vencido, o ódio ou compaixão.....Ao vencedor, as batatas !”

SOBRE O NARRADOR

Neste romance Machadiano, seu autor assume a postura de escritor/narrador. A passagem a seguir, como outras da obra, quebra a objetividade do narrador em 3ª pessoa:

“Este Quincas Borba, se acaso me fizeste o favor de ler Memórias Póstumas de Brás Cubas, é aquele mesmo naufrago da existência, que ali aparece, mendigo, herdeiro inopinado e inventor de uma filosofia. Aqui o tens agora, em Barbacena”.

OBS: As narrativas de Memórias Póstumas de Brás Cubas e de Quincas Borba tocam-se no início do capítulo IV, sendo uma espécie de continuação daquela. Mas a história de Quincas Borba é completamente outra.

Este romance mostra a caminhada de Rubião para a loucura. De modo que o verdadeiro elo entre os romances é apenas o Humanitismo, filosofia com a qual Quincas Borba marcou sensivelmente Brás Cubas, mas da qual apesar de seus esforços, nada conseguiu transmitir a Rubião.

Ademais, a trama de *Quincas Borba* gira em torno das relações sociais: o ingênuo professor Rubião descobre a maldade humana ao se mudar para a corte. As manifestações de amizade que recebe por parte do casal Palha só são verdadeiras para sua credulidade provinciana. Mas Rubião não é uma caricatura do caipira enganado na cidade grande. Convém recordar, nesse sentido, que sua própria relação com o filósofo Quincas Borba tinha algo de interesse e que ele só resgatou o animal de estimação do amigo morto depois de conhecer a determinação do inventário. Tais circunstâncias mostram que Rubião não era assim tão inocente.

É possível, ainda, observar a falta de escrúpulos do casal Palha é apenas a evidência mais clara de comportamentos que, na verdade, atingem outras personagens do livro. Cristiano e Sofia representam verdadeiras paródias da crença romântica na sinceridade humana: o primeiro é um falso amigo, enquanto a segunda usa as armas da sedução para manter o pobre Rubião sob controle e para permitir ao marido uma exploração constante.

Outro ponto comum nas obras de Machado é a temática da traição, sempre presente tanto em contos quanto em romances, é insinuada no interesse que Sofia manifesta pelos homens que a cortejam – como Rubião e Carlos Maria. Não chega a perpetrar-se, contudo, talvez porque a moça encontre no marido o seu melhor parceiro no ludíbrio e no engodo – esta sim, a temática central da obra.

PERSONAGENS

Rubião: herdeiro do filósofo Quincas Borba.

Cristiano Palha: capitalista que se finge amigo de Rubião para explorá-lo.

Sofia Palha: esposa de Cristiano, auxilia o marido em suas tramoias.

Carlos Maria: moço que desperta o interesse de Sofia.

EXERCÍCIOS

Questão 01

A próxima questão refere-se ao texto a seguir, extraído do sexto capítulo de *Quincas Borba* (1892), de Machado de Assis (1839-1908).

“Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.”

(ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 648-649.)

Nessa passagem, quem fala é Quincas Borba, o filósofo. Suas palavras são dirigidas a Rubião, ex-professor, futuro capitalista, mas, no momento, apenas enfermeiro de Quincas Borba. É correto afirmar que a maneira como constrói esse discurso revela preocupação com:

- a) **A clareza e a objetividade, uma vez que visa à compreensão de Rubião da filosofia por ele criada, o Humanitismo.**
- b) A emotividade de suas palavras, dado objetivar despertar em Rubião piedade pelos vencidos e ódio pelos vencedores.
- c) A informação a ser transmitida, pois Rubião, sendo seu herdeiro universal, deverá aperfeiçoar o Humanitismo.
- d) O envolvimento de Rubião com a filosofia por ele criada, o Humanitismo, dada a urgência em arregimentar novos adeptos.
- e) O estabelecimento de contato com Rubião, uma vez que o mesmo possui carisma para perpetuar as novas idéias.

Questão 02

A próxima questão refere-se ao texto a seguir, extraído do sexto capítulo de *Quincas Borba* (1892), de Machado de Assis (1839-1908).

“Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.”

(ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 648-649.)

Com base nas palavras de *Quincas Borba*, considere as afirmativas a seguir:

- I. As duas tribos existem separadamente uma da outra.
- II. A necessidade de alimentação determina os termos do relacionamento entre as duas tribos.
- III. O relacionamento entre as duas tribos pode ser amistoso (“dividem entre si as batatas”) ou competitivo (“uma das tribos extermina a outra”).
- IV. O campo de batatas determina a vitória ou a derrota de cada uma das tribos.

Estão corretas apenas as afirmativas:

- a) I e IV.
- b) II e III.
- c) III e IV.
- d) I, II e III.
- e) I, II e IV.

Questão 03

Leia o texto para responder à próxima questão.

Capítulo

CC

Poucos dias depois, [Rubião] morreu... Não morreu súbdito nem vencido. Antes de principiar a agonia, que foi curta, pôs a coroa na cabeça, — uma coroa que não era, ao menos, um chapéu velho ou uma bacia, onde os espectadores palpassem a ilusão. Não, senhor; ele pegou em nada, levantou nada e cingiu nada; só ele via a insígnia imperial, pesada de ouro, rútila de brilhantes e outras pedras preciosas. O esforço que fizera para erguer meio corpo não durou muito; o corpo caiu outra vez; o rosto conservou porventura uma expressão gloriosa.

— Guardem a minha coroa, murmurou. Ao vencedor...
A cara ficou séria porque a morte é séria; dous minutos de agonia, um trejeito horrível, e estava assinada a abdicação.

Capítulo

CCI

Queria dizer aqui o fim do Quincas Borba, que adoeceu também, ganiu infinitamente, fugiu desvairado em busca do dono, e amanheceu morto na rua, três dias depois. Mas, vendo a morte do cão narrada em capítulo especial, é provável que me perguntes se ele, se o seu defunto homônimo é que dá título ao livro, e por que antes um que outro, — questão prenhe de questões, que nos levariam longe... Eia! chora os dous recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso, ri-te! É a mesma cousa. O Cruzeiro que a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens.

Machado de Assis. *Quincas Borba*.

Depreende-se do texto que:

- a) ao narrar a agonia de Rubião, o narrador deixa implícito que aquele merecia as honrarias de um rei.
- b) a ambigüidade no título do romance, *Quincas Borba*, justifica-se pelo fato de o autor não conseguir definir-se por homenagear o filósofo ou seu cão.
- c) a afirmação que encerra o capítulo CC revela um traço machadiano característico: a ironia.
- d) a declaração de que Sofia não quis fitar o Cruzeiro revela a indiferença como matriz do estilo do autor.
- e) a linguagem empregada para descrever a morte de Quincas Borba revela tendência do narrador a dar mais importância ao cão do que a Rubião.

Questão 04

Em 1891, Machado de Assis publicou o romance *Quincas Borba*, no qual um dos temas centrais do Realismo, o triângulo amoroso (formado, a princípio, pelos personagens Palha-Sofia-Rubião), cede lugar a uma equação dramática mais complexa e com diversos desdobramentos. Isso se explica porque:

- a) o que levava Sofia a trair Palha era apenas o interesse na fortuna de Rubião, pois ela amava muito o marido.
- b) Palha sabia que Sofia era amante de Rubião, mas fingia não saber, pois dependia financeiramente dele.
- c) Sofia não era amante de Rubião, como pensava seu marido, mas sim de Carlos Maria, de quem Palha não tinha suspeita alguma.
- d) Sofia não era amante de Rubião, mas se interessou por Carlos Maria, casado com uma prima de Sofia, e este por Sofia.
- e) Sofia não se envolvia efetivamente com Rubião, pois se sentia atraída por Carlos Maria, que a seduziu e depois a rejeitou.

- 4) **METAMORFOSE** (concepção filosófico-existencial, com a percepção de um ser coisificado em um contexto trabalhista e familiar. A transformação de modo inesperado, apesar de algo surreal, não retira a capacidade de associação com a realidade circundante)

Queremos livros que nos afetem como um desastre. Um livro deve ser como um machado diante de um mar congelado em nós.

Franz Kafka

SOBRE O(A) AUTOR (A): Franz Kafka

Franz Kafka nasceu em Praga a 3 de julho de 1883, cidade que durante todos os 40 anos da vida do escritor pertenceu à monarquia austro-húngara. Filho de um abastado comerciante judeu, Kafka cresceu sob as influências de três culturas: a judia, a tcheca e a alemã.

Formado em direito, ele fez parte, junto com outros escritores da época, da chamada Escola de Praga. Esse movimento era basicamente uma maneira de criação artística alicerçada em uma grande atração pelo realismo, uma inclinação à metafísica e uma síntese entre uma racional lucidez e um forte traço irônico.

Esse híbrido de ironia e lucidez aparece na maioria dos textos de Kafka.

Suas obras também conseguem formalizar e abrigar leituras totalmente relacionadas com a condição do ser humano moderno. O olhar kafkiano é direcionado para coisas como a opressão burocrática das instituições, a "justiça" e a fragilidade do homem comum frente a problemas cotidianos.

O primeiro livro de Kafka foi "Consideração", publicado em 1913. No ano seguinte à publicação da sua primeira obra, Kafka sofreu uma grande crise emocional. Alguns estudiosos afirmam que esta crise foi causada por motivo de seu noivado, outros defendem que o autor tcheco teria ficado emocionalmente abalado com início da 1ª Guerra Mundial ocorrido no mesmo ano.

As obras mais famosas de Kafka foram escritas entre 1913 e 1921, são elas: "A Metamorfose", "O Processo", "O Castelo", "O Foguista" (que é na verdade o primeiro capítulo de "América"), "A Sentença" e "O Artista da Fome".

Nenhum autor representou de forma tão contundente a modernidade. Segundo o crítico literário George Steiner, "o extremismo da posição literária de Kafka (...) torna a estrutura representativa e a centralidade de sua façanha mais notáveis. Nenhuma outra voz foi testemunha mais verdadeira da natureza de nossos tempos."

SOBRE O LIVRO:

- Gênero predominante: Narrativo;
 - Universalismo – Na temática
 - Sertanejo – homem universal
- Surrealismo;
- Literatura Fantástica;
- Angústia;

- Coisificação;
- Pessimismo;
- Ditadura do relógio;
- Associação entre o cotidiano urbano e o Fantástico (mágico / maravilhoso/ negativista);
- **O Conto/ novela em si:**
 - As histórias criadas por esse judeu tcheco que escrevia em alemão deram voz ao indivíduo que caminha nas ruas das grandes cidades contemporâneas;
 - O personagem Gregor Samsa é o homem tornado inseto frente à realidade urbana:
 - Avassaladora;
 - Burocrática;
 - cheia de gigantismos.
 - Samsa reproduz a sensação do homem que virou o inseto insignificante;
 - Reproduz a ideia dos que morrem aos milhões nos campos de guerra ou nas latrinas nas cidades;
 - Conflito com a família;
 - Conflito com o chefe;
 - Conflito consigo;
 - Inversão das expectativas e da família diante de Gregor;
 - Inseto como representação;
 - Perda da condição na família;
 - Abandono/ isolamento.

EXERCÍCIOS

Questão 01

Leia atentamente o trecho:

“(...) quando nesse momento, alguma coisa, atirada de leve, voou bem ao se lado e rolou diante dele. Era uma maçã; a segunda passou voando logo em seguida por ele; Gregor ficou paralisado de susto; continuar correndo era inútil, pois o pai tinha decidido bombardeá-lo. Da fruteira em cima do bufê ele havia enchido os bolsos de maçãs e, por enquanto sem mirar direito, as atirava uma a uma. As pequenas maçãs vermelhas rolavam como que eletrizadas pelo chão e batiam umas nas outras. Uma maçã atirada sem força raspou as costas de Gregor, mas escorregou sem causar danos. Uma que logo se seguiu, pelo contrário, literalmente penetrou nas costas dele; Gregor quis continuar se arrastando, como se a dor, surpreendente e inacreditável, pudesse passar com a mudança de lugar; mas ele se sentia como se estivesse pregado no chão e esticou o corpo numa total confusão de todos os sentidos. Com o último olhar ainda viu a porta do seu quarto ser escancarada e a mãe se precipitar de combinação à frente da irmã que gritava; pois a irmã a tinha aliviado das roupas para permitir que ela respirasse com liberdade enquanto estava desacordada; viu-a correr ao encontro do pai e no caminho cair ao chão, uma a uma, as saias desapertadas; e viu quando ela, tropeçando nas saias, chegou até o lugar onde o pai estava e, abraçando-o em completa união com ele – mas nesse momento a vista de Gregor já falhava - , pediu, com as mãos na nuca do pai, que ele poupasse a vida de Gregor. (...)”.

Considerando o trecho e a leitura da obra *A metamorfose*, de Franz Kafka, é possível associar o trecho e o protagonista em

- a) Uma concepção isolada da sociedade, ainda que seja possível tal fato ocorrer.
- b) Uma análise da coisificação humana, apesar da recuperação, ao final, de Gregor diante da família.
- c) Uma perda da condição de humanidade e a ausência de piedade ou fraternidade do pai em relação ao filho.
- d) Uma condição de inferioridade, mesmo que ao final o filho Gregor prove sua função social diante da família.

Questão 02

Leia os textos a seguir para responder

Texto I

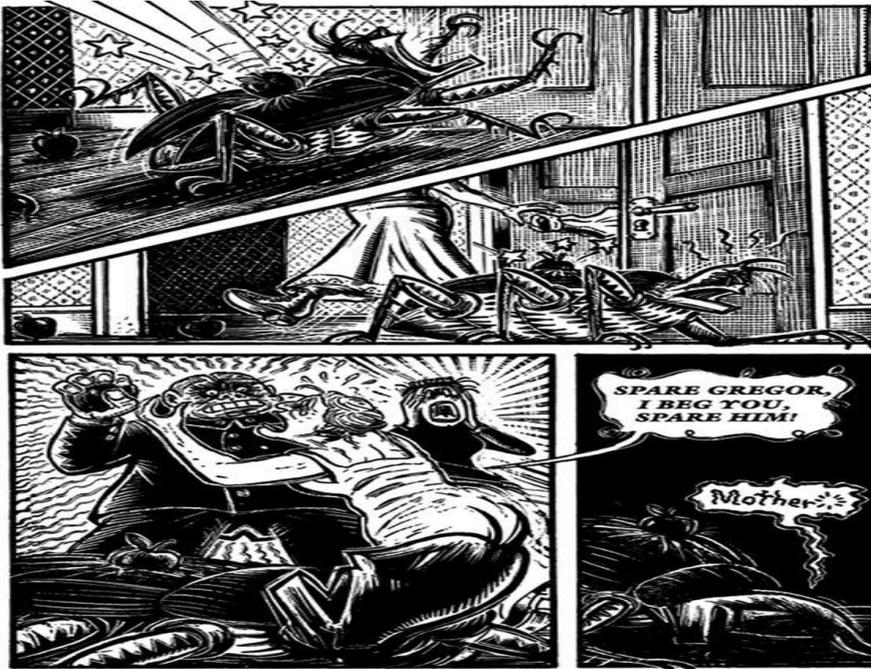
(...) quando nesse momento alguma coisa, atirada de leve, voou bem ao seu lado e rolou diante dele. Era uma maçã; a segunda passou voando logo em seguida por ele; Gregor ficou paralisado de susto; continuar correndo era inútil, pois o pai tinha decidido bombardeá-lo. Da fruteira em cima do bufê ele havia enchido os bolsos de maçãs e, por enquanto sem mirar direito, as atirava uma a uma.

KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Texto II

Querido Pai: Você me perguntou recentemente por que eu afirmo ter medo de você. Como de costume, não soube responder, em parte justamente por causa do medo que tenho de você, em parte porque na motivação desse medo intervêm tantos pormenores, que mal poderia reuni-los numa fala. E se aqui tento responder por escrito, será sem dúvida de um modo muito incompleto, porque, também ao escrever, o medo e suas consequências me inibem diante de você e porque a magnitude do assunto ultrapassa de longe minha memória e meu entendimento.

KAFKA, Franz. Carta ao pai. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Texto III
KAFKA, Franz.



A metamorfose – adaptado por Peter Kuper. São Paulo: Editora Conrad, 2004.

Ao analisar os textos e a imagem, é possível retirar reflexões pertinentes ao modo como o escritor trouxe ao leitor um processo reflexivo quanto à existência. Sendo assim, explique:

- Por que a ilustração de Peter Kuper, no texto III, torna a cena ainda mais terrível e cruel?
- Mencione como era a relação entre Gregor e o pai e, para comprová-la, indique uma situação diferente da citada no texto I.
- Há alguma possível identidade entre o trecho II e a relação de Gregor na obra com a família? Justifique.

Questão 03

Leia o trecho da teoria de I. Kant:

Tenha a coragem de te servir de teu próprio entendimento, tal é, portanto, a divisa do Iluminismo. (...) Preceitos e fórmulas, instrumentos mecânicos do uso racional, ou antes, do mau uso dos seus dons naturais são os grilhões de uma menoridade perpétua. KANT, I. Resposta à pergunta. O que é o Esclarecimento. In. http://www.ensnarfilosofia.com.br/_pdfs/e_livors/47.pdf.

Pensando Gregor Samsa – personagem de A Metamorfose de Kafka - como um homem comum do mundo moderno, indique pelo menos dois grilhões que o impedem de sair da menoridade, referindo-se ao fragmento II, de Kant. Explicando como ocorre tal amarra social.

Questão 04

Texto I

Logo descobriu que não podia absolutamente mais se mexer. Não se admirou com esse fato, pareceu-lhe antes um pouco natural que até agora tivesse conseguido se movimentar com aquelas perninhas finas. No restante sentia-se relativamente confortável. Na realidade tinha dores no corpo, mas para ele era como se elas fossem ficar cada vez mais fracas e finalmente desaparecer por completo. A maçã apodrecida nas suas costas e a região inflamada em volta, inteiramente cobertas por uma poeira mole, quase não o incomodavam. Recordava-se da

família com emoção e amor. Sua opinião de que precisava desaparecer era, se possível, ainda mais decidida que a da irmã. Permaneceu nesse estado de meditação vazia e pacífica até que o relógio da torre bateu a terceira hora da manhã. Ele vivenciou o início do clarear geral do dia lá do lado de fora da janela. Depois, sem intervenção da sua vontade, a cabeça afundou completamente e das suas ventas fluiu fraco o último fôlego.

KAFKA, Franz. A metamorfose. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Cia das Letras, 1997. p. 78.

Texto II

Saciada, espantada, continuou a passear com os olhos mais abertos, em atenção às voltas violentas que a água pesada dava no estômago, acordando pequenos reflexos pelo resto do corpo como luzes. A estrada subia muito. A estrada era mais bonita que o Rio de Janeiro, e subia muito. Mocinha sentou-se numa pedra que havia junto de uma árvore, para poder apreciar. O céu estava altíssimo, sem nenhuma nuvem. E tinha muito passarinho que voava do abismo para a estrada. A estrada branca de sol estendia sobre um abismo verde. Então, como estava cansada, a velha encostou a cabeça no tronco da árvore e morreu.

LISPECTOR, Clarice. O grande passeio. In: Felicidade clandestina. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 37-38

Embora de épocas e nacionalidades distintas, os protagonistas de A metamorfose e do conto O grande passeio têm em comum a

- A) a incapacidade de decisão ante as instabilidades sociais.
- B) o isolamento social devido ao descaso dos familiares.
- C) o devaneio filosófico a respeito dos fenômenos da natureza.
- D) a passividade diante das vicissitudes do curso da vida.

5) O FILHO ETERNO()

“O romance é um gênero aberto às reflexões sociais, políticas e filosóficas do tempo”
Cristóvão Tezza

SOBRE O AUTOR: Cristóvão Tezza

Cristóvão Tezza nasceu em Lages, Santa Catarina, em 1952. Em junho de 1959, morreu seu pai; dois anos depois, a família se mudou para Curitiba, Paraná.

Em 1968 passou a integrar o Centro Capela de Artes Populares (CECAP), dirigido por W. Rio Apa, com quem trabalhará até 1977. Ainda em 1968, também participa da primeira peça de Denise Stoklos, e no ano seguinte de duas montagens do grupo XPTO, dirigido por Ari Pára-Raio, sempre em Curitiba.

Em 1970 concluiu o ensino médio no Colégio Estadual do Paraná. No ano seguinte, entrou para a Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante (RJ), desligando-se em agosto do mesmo ano. Em dezembro de 1974, foi a Portugal estudar Letras na Universidade de Coimbra, matriculado pelo Convênio Luso-Brasileiro, mas como a universidade estava fechada pela Revolução dos Cravos, passou um ano perambulando pela Europa.

Em janeiro de 1977, casou-se. Em 1984, mudando-se para Florianópolis, Santa Catarina, trabalhou como professor de Língua Portuguesa da UFSC. Voltou a Curitiba em 1986, dando aulas na UFPR até 2009, quando se demitiu para dedicar-se exclusivamente à literatura.

Seus primeiros livros - os contos de A cidade inventada e os romances Gran Circo das Américas e O terrorista lírico - foram publicados entre 1979 e 1981. Hoje fora de mercado, estão disponíveis apenas em versão digital.

Em 1985 publicou o romance Ensaio da Paixão, mas foi apenas em 1988, quando publicou Trapo (Brasiliense), que seu nome começou a se tornar conhecido nacionalmente. Nos dez anos seguintes, publicou os romances Aventuras provisórias (Prêmio Petrobrás de Literatura), Juliano Pavollini, A suavidade do vento, O fantasma da infância e Uma noite em Curitiba.

Em 1998, seu romance Breve espaço entre cor e sombra (Rocco) foi contemplado com o Prêmio Machado de Assis da Biblioteca Nacional (melhor romance do ano); e O fotógrafo (Rocco), publicado em 2004, recebeu no ano seguinte o Prêmio da Academia Brasileira de Letras de melhor romance do ano e o Prêmio Bravo! de melhor obra.

Sua tese de doutorado (USP), Entre a prosa e a poesia - Bakhtin e o formalismo russo, foi publicada em 2002 (Rocco). Também na área acadêmica, Cristovão Tezza escreveu dois livros didáticos em parceria com o linguista Carlos Alberto Faraco (Prática de Texto e Oficina de Texto, editora Vozes), e há vários anos publica eventualmente resenhas e textos críticos em revistas e jornais. Durante um ano, assinou uma coluna quinzenal no "rodapé literário" da Folha de S. Paulo. De março de 2008 a novembro de 2014 foi cronista do jornal curitibano Gazeta do Povo.

Em 2006, assinou contrato com a Editora Record, que começou a relançar sua obra. Em julho de 2007 foi publicado seu novo romance O filho eterno, e em sequência foram reeditados, com novo projeto gráfico, Trapo, Aventuras provisórias, O fantasma da infância, Juliano Pavollini, Uma noite em Curitiba e O fotógrafo.

O romance Breve espaço entre cor e sombra foi republicado, em edição revista com um prólogo do autor, sob o título Breve espaço, e foi publicado nos Estados Unidos pela Amazon.

Em dezembro de 2007, o romance O filho eterno recebeu o Prêmio da APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte) de melhor obra de ficção do ano. Em 2008, recebeu os prêmios Jabuti de melhor romance, Bravo! de melhor obra, Portugal-Telecom de Literatura em Língua Portuguesa (1º lugar) e Prêmio São Paulo de Literatura, melhor livro do ano. Em 2009, recebeu o prêmio Zaffari & Bourbon, da Jornada Literária de Passo Fundo, como o melhor livro dos últimos dois anos.

Em dezembro de 2009, O filho eterno foi considerado pelo jornal O Globo uma das dez melhores obras de ficção da década, no Brasil.

Em março de 2010, a tradução francesa de O filho eterno (Le fils du Printemps, Ed. Métailié) recebeu o prêmio Charles Brisset, concedido pela Associação Francesa de Psiquiatria .

O romance foi lançado na Itália, Inglaterra, Portugal, França, Holanda, Espanha (em catalão), México, Estados Unidos, Austrália, China e Eslovênia, e já tem edições contratadas na Dinamarca, Noruega, Macedônia, Ucrânia e Sérvia.

Em 2011, a Companhia Atores de Laura, do Rio de Janeiro, montou uma adaptação teatral de "O filho eterno", um monólogo com direção de Daniel Herz e atuação de Charles Fricks. A peça recebeu os Prêmios Shell de Melhor Ator e de Direção de Movimento; prêmio APTR de melhor ator; prêmio Orilaxé de melhor direção. A adaptação do texto foi de Bruno Lara Resende.

Em outubro de 2010, a Editora Record lançou o romance Um erro emocional. Em setembro de 2011, saiu seu livro de contos Beatriz. Baseada nesses dois livros, a Companhia de Teatro Atores de Laura, do Rio de Janeiro, estreou em maio de 2013 a peça Beatriz, também com texto adaptado de Bruno Lara Resende e direção de Daniel Herz.

Em abril de 2012, O filho eterno entrou na lista dos 10 finalistas do Prêmio Internacional IMPAC-Dublin de Literatura.

Em agosto de 2012, foi lançado O espírito da prosa - uma autobiografia literária, um ensaio não acadêmico sobre o romance, com momentos autobiográficos.

Em maio de 2013, saiu pela Editora Record a coletânea de crônicas Um operário em férias, com seleção e apresentação de Christian Schwartz, e ilustrações de Benett.

Em abril de 2014, a Editora Record lançou o romance O professor, finalista dos prêmios Jabuti e São Paulo de literatura de 2015, e com traduções já contratadas na Itália (Fazi Editore) e Noruega (Solum).

O romance A suavidade do vento, originalmente publicado em 1991, foi relançado pela Record, em edição revista e definitiva, com capa de Victor Burton, posfácio do autor e novo projeto gráfico.

Em março de 2016, saiu A máquina de caminhar - 64 crônicas e um discurso contra o autor, nova coletânea de crônicas, com seleção e apresentação de Christian Schwartz, e ilustrações de Benett.

Em outubro do mesmo ano, é lançado pela editora Record o romance A tradutora.

Em dezembro de 2016, a produtora RT Features, em parceria com a Globo Filmes e a distribuidora Sony, lança O filho eterno em circuito nacional. Direção de Paulo Machline, com Marcos Veras, Débora Falabella e Pedro Vinicius nos papéis principais.

http://www.cristovaotezza.com.br/p_biografia.htm

SOBRE O LIVRO:

- Autobiografia - ficcionalizada;
- Linguagem próxima ao leitor;
- Influência de um escritor sul africano;
- Uso da 3ª pessoa do discurso para retratar um fato da vida pessoal;
- Narrador onisciente;
- Metalinguagem;

O Filho Eterno conta a história de como um pai recebe a notícia de que seu filho possui Síndrome de Down e de como procura se adaptar a essa nova realidade por meio de uma ampla redenção

autobiográfica. Baseado nos fatos da vida real do autor, o livro foi um grande desafio, porque um assunto no qual Cristovão não tocou por mais de vinte anos em sua literatura.

Ele considerava o assunto, até então, próximo demais, pessoal demais. Quando decidiu abordar finalmente o tema, encontrou obstáculos de ordem estilística e conceitual. Pensou escrever a obra em forma de ensaio. Mas foi ao ler um romance autobiográfico do escritor sulafricano J. M. Coetzee que Tezza encontrou o trunfo de que precisava para definir a voz do seu romance. Ao usar a terceira pessoa, conseguiu um distanciamento saudável do personagem do pai e alcançou o tom que queria da voz narrativa. O estado emocional em que o pai mergulha ao receber a notícia da síndrome de seu filho está bem pontuado neste trecho:

“Ele recusava-se a ir adiante na linha do tempo; lutava por permanecer no segundo anterior à revelação, como um boi cabeceando no espaço estreito da fila do matadouro; recusava-se mesmo a olhar para a cama, onde todos se concentravam num silêncio bruto, o pasmo de uma maldição inesperada. Isso é pior do que qualquer outra coisa, ele concluiu – nem a morte teria esse poder de me destruir. A morte são sete dias de luto, e a vida continua. Agora, não. Isso não terá fim. Recuou dois, três passos, até esbarrar no sofá vermelho e olhar para a janela, para o outro lado, para cima, negando-se, bovino, a ver e a ouvir. Não era um choro de comoção que se armava, mas alguma coisa misturada a uma espécie furiosa de ódio.”

Além do tema central, somos levados por meio do monólogo interior do pai a questões importantes sobre a formação de um escritor, um pouco de suas motivações sobre o ato de escrever – essa breve incursão levaria o autor a escrever um ensaio sobre a prosa romanesca em que ele traz para o centro da discussão uma questão ainda não respondida: o que leva uma pessoa a escrever?

De fato as obras literárias mencionadas ao longo do livro, escritas pelo personagem do pai, são as do próprio Cristovão Tezza e compõem um pequeno mosaico que procura nos situar em que momento de sua busca artística está aquele pai. O tema da meditação artística, do porquê criador, é abordado de maneira sensível e faz paralelo com a criação genética, a do seu próprio filho.

EXERCÍCIOS

Questão 01

Leia o excerto abaixo, retirado do livro *O filho eterno*, de Cristóvão Tezza, associe-o com o enredo e assinale a alternativa INCORRETA.

“A primeira criança de um casamento é uma aporrinhção monumental – o intruso exige espaço e atenção, chora demais, não tem horário nem limites, praticamente nenhuma linguagem comum, não controla nada em seu corpo, que vive a borbulhar por conta própria, depende de uma quantidade enorme de objetos (do berço à mamadeira, do funil de plástico às fraldas, milhares delas) até então desconhecidos pelos pais, drena as economias, o tempo a paciência, a tolerância, sofre males inexplicáveis e intraduzíveis, instaura em torno de si o terror da fragilidade e da ignorância, e afasta, quase que aos pontapés, o pai da mãe. É uma criança – como todo recém-nascido – feia. É difícil imaginar que daquela coisa mal-amassada surja como que por encanto algum ser humano, só pela força do tempo” (pg. 73-74).

- a) A aversão que o pai sente pelo filho não é só porque o menino é diferente, mas também porque ele não queria filhos.

- b) A narrativa tem início nos anos 50, com um aspirante a bailarino, que é surpreendido pela notícia do seu primeiro filho ter síndrome de Down.
- c) No dia do nascimento de seu filho, o pai assume o papel de anti-herói calhorda, hipócrita e insensível (ou simplesmente politicamente incorreto) ao rejeitar e menosprezar aquele ser diferente, tratando-o como um estorvo para os seus planos de sucesso, liberdade e sociabilidade.
- d) O pai chama o filho de algo, a coisa, um ser insignificante, criança horrível, pequeno monstro, pedra inútil, deficiente mental, absolutamente nada, pequeno leproso, problema a ser resolvido, idiota e pequena vergonha entre outros.
- e) O pai chega a torcer para que o menino morra.

Questão 02

(UFSC)

[...] Na escola especial que ele frequenta todos os dias, um paciente e talentoso professor de arte cria números surpreendentes de teatro com aquele grupo de crianças díspares. Uma das peças é uma versão simplificada da Comédia dos erros. Uma concepção original: em cena, as crianças dublam a própria voz, previamente gravada em trechos isolados que depois são montados na mesma seqüência. Assim, cada uma das frases avulsas do texto, penosamente praticadas pelas crianças e depois gravadas em seqüência, são o pano de fundo de uma deliciosa e ingênua pantomima, que elas levam a cabo com comovente dedicação e eficiência. As crianças jamais seriam capazes de memorizar aquelas falas mais longas – e alguns deles, como o seu menino, sequer conseguiriam dizer naturalmente uma frase completa com uma oração subordinada e uma coordenada em seqüência (a única estrutura de que ele dá conta no seu dia-a-dia é o conjunto básico sujeito-predicado, nessa ordem, e jamais em voz passiva.).

TEZZA, Cristovão. O filho eterno. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009. p. 187.

Considerando a obra O filho eterno e o fragmento acima, é CORRETO afirmar que:

- 01. o autor escreve na terceira pessoa, recurso estilístico que lhe permite um certo distanciamento da esfera emocional, pois lança um olhar de fora sobre os fatos de sua vida. Assim, ao mesmo tempo em que o protagonista representa o próprio autor, também não deixa de ser uma personagem de ficção – o pai no papel de anti-herói –, o que dá ao romance um cunho autobiográfico.
- 02. o texto busca destacar a extrema dificuldade de inclusão de crianças especiais e a impossibilidade de levá-las a desenvolver atividades mais elaboradas e que requeiram bom desempenho verbal, como o teatro.
- 04. segundo o texto, o filho do protagonista seria incapaz de produzir a frase “Pai, eu quero que você fique aqui comigo e veja a nossa peça” ou a frase “Ontem eu fui convidado pra ir numa festinha de aniversário”.
- 08. o uso do recurso da dublagem e a escolha de um texto adaptado, Comédia dos erros, revelam, por parte do professor, respectivamente, criatividade para ajudar seus alunos a superar dificuldades e confiança nas potencialidades das crianças especiais.
- 16. essa passagem, relatando as atividades de teatro na escola frequentada por Felipe, é emblemática da visão alienada do protagonista, que vive num mundo inteiramente fantasioso, onde cartuns cômicos se alternam com cenas dramáticas. É nesse plano irreal que se projetam, ao longo do livro, conflitos entre casais, por um lado, e entre pais e filhos, por outro.

Questão 03

Sobre o livro *O filho eterno*, de Cristovão Tezza, assinale a única alternativa correta.

- a) O flashback, utilizado no romance, é uma característica do narrador em primeira pessoa, que constrói a narrativa a partir de suas lembranças e resgata pela memória os acontecimentos que marcaram sua vida, como o nascimento do filho;
- b) Um dos principais momentos da narrativa é quando Felipe desaparece e o pai se dá conta de que havia aprendido a amá-lo; que o filho era capaz de se locomover sozinho, portanto não era tão dependente quanto ele imaginava;
- c) O desaparecimento do filho é o momento crucial da narrativa, quando o pai se dá conta de que apesar de tê-lo rejeitado a princípio, já o ama. A partir daí o pai e o escritor se constroem em relação direta;
- d) Nas lembranças do narrador, escritas quase vinte anos depois do acontecido, percebe-se que as informações não são precisas, apesar de o narrador em primeira pessoa descrever detalhadamente seus sentimentos na época;
- e) Há dois momentos cruciais na vida do pai: um de alegria, quando o filho “foi anunciado ao mundo” e o outro de desespero, quando o pai acha que havia perdido o filho para sempre.

Questão 04

Leia atentamente o trecho abaixo, retirado de *O filho eterno*, de Cristovão Tezza. Marque a única alternativa certa em relação ao trecho, ao autor e ao romance como um todo. Um ser que se move no deserto, ele talvez escrevesse, com alguma pompa, para definir a própria solidão. A solidão como um projeto, não como uma tristeza. Eu ainda não consegui ficar sozinho, concluí com um fio de angústia e agora (ele olha para a porta basculante, sem pensar) nunca mais. Começou há pouco a escrever outro romance, *Ensaio da paixão*, em que – ele imaginapassará a limpo a sua vida. E a dos outros, com a língua da sátira. Ninguém se salvará. Três capítulos prontos. É um livro alegre, ele supõe. Eu preciso começar, de vez por todas, ele diz a ele mesmo, e só escrevendo saberá quem é. Assim espera. São coisas demais para organizar, mas talvez justo por isso ele se sinta bem, feliz, povoado de sonhos.(p.16)

TEZZA, Cristovão. *O filho eterno*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

- a) O trecho apresenta um tema que se desenvolve na obra, que é a solidão dos escritores no Brasil, pois através do personagem principal, Tezza discute as questões de produção da obra literária no Brasil;
- b) Ao utilizar a primeira pessoa, o autor faz uma escolha quanto ao tipo de narrador que marcará seu texto e será responsável pelo tom confessional da obra, já que o autor tem um filho com síndrome de Down;
- c) Ao citar uma outra obra sua já publicada, o autor utiliza uma estratégia muito comum na literatura contemporânea, que é a digressão, e leva o leitor a refletir sobre o processo de criação, um tema que perpassa *O filho eterno*;
- d) O trecho antecede o nascimento de Felipe e retrata um momento em que se constrói uma ponte entre o fazer literário e o fazer-se pai, relação que se estenderá pelo texto e será fundamental para a construção do amor entre pai e filho;

e) Neste livro, Tezza deixa de lado uma característica que é constante em sua obra: o diálogo com outras artes, que geralmente aparece em forma de citações, marcando a intertextualidade em sua obra.

Questão 05(UFU)

Na obra O filho eterno, há várias passagens que indicam uma relação especular entre Felipe e seu pai. O protagonista constata ser modelo para o filho quando ele, Felipe, começa a

- a) pronunciar palavras.
- b) buzinar no banco do fusca.
- c) torcer pelo Clube Atlético Paranaense.
- d) demonstrar impulsos sexuais.

6) FELICIDADE CLANDESTINA (Sugere as inúmeras felicidades/ sensações que são aproveitadas e vividas de modo obscuro e, muitas vezes, proibido pela sociedade.)

SOBRE O(A) AUTOR (A): Clarice Lispector

Clarice Lispector nasceu na Ucrânia, mas seus pais imigraram para o Brasil pouco depois. Chegou a Maceió com dois meses de idade, com seus pais e duas irmãs. Em 1924 a família mudou-se para o Recife, e Clarice passou a frequentar o grupo escolar João Barbalho. Aos oito anos, perdeu a mãe. Três anos depois, transferiu-se com seu pai e suas irmãs para o Rio de Janeiro.

Em 1939 Clarice Lispector ingressou na faculdade de direito, formando-se em 1943. Trabalhou como redatora para a Agência Nacional e como jornalista no jornal "A Noite". Casou-se em 1943 com o diplomata Maury Gurgel Valente, com quem viveria muitos anos fora do Brasil. O casal teve dois filhos, Pedro e Paulo, este último afilhado do escritor Érico Veríssimo.

Seu primeiro romance foi publicado em 1944, "Perto do Coração Selvagem". No ano seguinte a escritora ganhou o Prêmio Graça Aranha, da Academia Brasileira de Letras. Dois anos depois publicou "O Lustre".

Em 1954 saiu a primeira edição francesa de "Perto do Coração Selvagem", com capa ilustrada por Henri Matisse. Em 1956, Clarice Lispector escreveu o romance "A Maçã no Escuro" e começou a colaborar com a Revista Senhor, publicando contos.

Separada de seu marido, radicou-se no Rio de Janeiro. Em 1960 publicou seu primeiro livro de contos, "Laços de Família", seguido de "A Legião Estrangeira" e de "A Paixão Segundo G. H.", considerado um marco na literatura brasileira.

Em 1967 Clarice Lispector feriu-se gravemente num incêndio em sua casa, provocado por um cigarro. Sua carreira literária prosseguiu com os contos infantis de "A Mulher que matou os Peixes", "Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres" e "Felicidade Clandestina".

Nos anos 1970 Clarice Lispector ainda publicou "Água Viva", "A Imitação da Rosa", "Via Crucis do Corpo" e "Onde Estivestes de Noite?". Reconhecida pelo público e pela crítica, em 1976 recebeu o prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal, pelo conjunto de sua obra.

Fonte: <http://educacao.uol.com.br/biografias/clarice-lispector.jhtm>

SOBRE O LIVRO:

- Gênero predominante: narrativo;
- Linguagem culta e simplificada (com momentos de oralidade);
- Uso de Lirismo;
- Livro composto por 25 contos;
- Vida Banal como referência literária;
- Do particular ao universal;
- Processo epifânico;
 - É um momento privilegiado e, às vezes, único de revelação, quando acontece um evento ou incidente que "ilumina" a vida da personagem.”;
- Fluxo de consciência;
 - Análise psicológicas e a complexividade da temática;
 - Estabelece uma indefinição das fronteiras entre a voz do narrador e a das personagens,
 - Intensificação das reminiscências, desejos, falas e ações que se misturam na narrativa;
 - Essa desordem aparente de pensamentos e desejos será representada por uma estrutura sintática caótica;
- Monólogo interior;
 - Consiste em reproduzir o pensamento da personagem que se dirige a si mesmo, ou seja, é como se o “eu” falasse pra si próprio. Mergulho no mundo interior;

Contos para 2018

- A legião estrangeira
- Os obedientes
- Os desastres de Sofia
- A criada
- A quinta história
- O primeiro beijo

Temas:

- A infância;
- A adolescência;
- Velhice;
- A família;
- O amor e questões da alma;
- Filosófico;
- Coisificação/ existencialismo;
- Algo de autobiográfico (traz recordações da infância da autora em Recife, alguma personagem que marcou seu passado, etc. Através da recordação de fatos do seu passado, Clarice Lispector busca nos contos fazer uma investigação psicológica de autoanálise.)

EXERCÍCIOS

Questões

Questão 01

Mariana Colasanti, na orelha de Felicidade clandestina, cita um comentário de Clarice Lispector sobre a questão dos gêneros neste livro: “Vamos falar a verdade: isto aqui não é crônica coisa nenhuma. Isto é apenas. Não entra em gêneros. Gêneros não me interessam.”

LISPECTOR, Clarice. Felicidade Clandestina. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Sobre a questão acima levantada, faça o que se pede.

A) Explique os procedimentos narrativos que fazem com que os textos de Felicidade clandestina não se limitem às configurações tradicionais dos gêneros literários e sejam definidos pela autora por uma denominação genérica: “Isto é apenas”.

B) Comente um dos textos do livro em que esta problemática é apontada, justificando sua resposta

Questão 02 (PUC-PR)

Felicidade Clandestina reúne 25 contos que tematizam a adolescência, a infância e a família de Clarice Lispector. Sobre essa obra, marque a alternativa correta.

I. São contos muito diferentes do resto da obra da autora, que nunca usa sua vida como referência para a ficção.

II. O cotidiano, sempre presente em sua obra, nesses contos é deixado de lado, para que se trate apenas do aspecto tecnológico.

III. A epifania, constante da obra de Clarice Lispector, nesse livro está ausente, porque as personagens têm plena consciência de tudo.

IV. As personagens feminina são, na maioria, meninas, que passam pelo processo de amadurecimento e se tornam adulta.

V. As cenas descritas são comuns, mas não apresentam detalhes.

a) Somente a alternativa IV está correta.

b) As alternativas I e II estão corretas.

c) As alternativas IV e V estão corretas.

d) Somente a alternativa II está correta.

e) Todas as alternativas estão corretas.

Questão 03 (Fuvest-SP)

Leia o trecho a seguir, do conto “Os desastres de Sofia”, retirado do livro Felicidade clandestina, de Clarice Lispector, e responda na sequência o que se pede.

Qualquer que tivesse sido o seu trabalho anterior, ele o abandonara, mudara de profissão, e passara pesadamente a ensinar no curso primário: era tudo o que sabíamos dele. O professor era gordo, grande e silencioso, de ombros contraídos. Em vez de nó na garganta, tinha ombros contraídos. Usava paletó

curto demais, óculos sem aro, com um fio de ouro encimando o nariz grosso e romano. E eu era atraída por ele. Não amor, mas atraída pelo seu silêncio e pela controlada impaciência que ele tinha em nos ensinar e que, ofendida, eu adivinhara. Passei a me comportar mal na sala. Falava muito alto, mexia com os colegas, interrompia a lição com piadinhas, até que ele dizia, vermelho: — Cale-se ou expulso a senhora da sala. Ferida, triunfante, eu respondia em desafio: pode me mandar! Ele não mandava, senão estaria me obedecendo. Mas eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem que de certo modo eu amava. Não o amava como a mulher que eu seria um dia, amava-o como uma criança que tenta desastrosamente proteger um adulto, com a cólera de que ainda não foi covarde e vê um homem forte de ombros tão curvos.

Qual o significado que se pode dar a e passara pesadamente a ensinar no curso primário?

7) O SANTO E A PORCA (Santo será a imagem de Santo Antônio e a porca um cofrinho de dinheiro, teríamos, também, o sublime/ sagrado e o profano/ terreno)

SOBRE O(A) AUTOR (A): Ariano Suassuna

Ariano Vilar Suassuna, advogado, professor, teatrólogo e romancista, desde 1990 ocupa a cadeira número 32 da Academia Brasileira de Letras, cujo patrono é Araújo Porto Alegre, o Barão de Santo Ângelo (1806-1879).

Filho de João Suassuna e de Rita de Cássia Vilar, Ariano estava com um pouco mais de três anos quando seu pai, que havia governado o Estado no período de 1924 a 1928, foi assassinado no Rio de Janeiro, em consequência da luta política às vésperas da Revolução de 1930.

No mesmo ano, sua mãe se transferiu com os nove filhos para Taperoá, onde Ariano Suassuna fez os estudos primários. No sertão paraibano Ariano se familiarizou com os temas e as formas de expressão que mais tarde vieram a povoar a sua obra.

Em 1942, a família se mudou para Recife e os primeiros textos de Ariano foram publicados nos jornais da cidade, enquanto ele ainda fazia os estudos pré-universitários. Em 1946 Ariano iniciou a Faculdade de Direito e se ligou ao grupo de jovens escritores e artistas que tinha à frente Hermilo Borba Filho, com o qual fundou o Teatro do Estudante Pernambucano. No ano seguinte, Ariano escreveu sua primeira peça, "Uma Mulher Vestida de Sol", e com ela ganhou o prêmio Nicolau Carlos Magno.

Após formar-se na Faculdade de Direito, em 1950, passou a dedicar-se também à advocacia. Mudou-se de novo para Taperoá, onde escreveu e montou a peça "Torturas de um Coração", em 1951. No ano seguinte, voltou a morar em Recife. O Auto da Compadecida (1955), encenado em 1957 pelo Teatro Adolescente do Recife, conquistou a medalha de ouro da Associação Brasileira de Críticos Teatrais. A peça o projetou não só no país como foi traduzida e representada em nove idiomas, além de ser adaptada com enorme sucesso para o cinema.

No dia 19 de janeiro de 1957, Ariano se casou com Zélia de Andrade Lima, com a qual teve seis filhos. Foi membro fundador do Conselho Federal de Cultura, do qual fez parte de 1967 a 1973 e do Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco, no período de 1968 a 1972.

Em 1969 foi nomeado Diretor do Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, ficando no cargo até 1974.

Ariano estava sempre interessado no desenvolvimento e no conhecimento das formas de expressão populares tradicionais e, no dia 18 de outubro de 1970, lançou o Movimento Armorial, com o concerto "Três Séculos de Música Nordestina: do Barroco ao Armorial", na Igreja de São Pedro dos Clérigos e uma exposição de gravura, pintura e escultura.

O escritor também foi Secretário de Educação e Cultura do Recife de 1975 a 1978. Doutorou-se em História pela Universidade Federal de Pernambuco, em 1976 e foi professor da UFPE por mais de 30 anos, onde ensinou Estética e Teoria do Teatro, Literatura Brasileira e História da Cultura Brasileira. Seu "Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai e Volta" publicado originalmente em 1971 teve a primeira edição. Relançado somente em 2005 teve sua segunda edição esgotada em menos de um mês, o que é uma coisa rara para um volume de quase 800 páginas.

SOBRE O LIVRO:

- Gênero predominante: Dramático;
- Linguagem: entre o culto e o coloquial;
- Subgênero: comédia;
- Dividida em 3 atos;
 - primeiro ato: apresentação do problema e das personagens;
 - segundo ato: complicação da situação, ponto de tensão;
 - terceiro ato: desenlace.
- Estrutura teatral:
 - ausência de narrador;
 - uso do discurso direto;
 - uso da rubrica
- Aproximação da literatura de cordel;
- Mistura entre o religioso e o profano;
- Personagens:
 - As personagens estão intimamente ligadas ao enredo, e vice-versa. Estas são as duas forças principais que regem um texto dramático. São elas:
 - **Euricão** - "Engole Cobra", Eurico Árabe; é o protagonista da peça; é pai de Margarida e irmão de Benona; personagem avarento.
 - **Porca** - Oposição do profano frente ao religioso (Sto. Antônio); é o objeto de cobiça; representa a avareza de Euricão, um dos 7 pecados capitais.
 - **Santo Antônio** - santo casamenteiro, "achador" e popular; santo de devoção de Euricão; representação do sagrado e da fé.
 - **Margarida** - "flor bucólica"; filha de Euricão (a filha é o patrimônio do pai, é noiva de Dodó; personagem que desencadeia dois pólos de interesse: material (Euricão) e sentimental (Eudoro e Dodó).
 - **Benona** - alusão à personagem de Plauto, Eunomia do grego EUNOMÍA (ordem bem regulada); é irmã de Euricão, ex-noiva de Eudoro; representa os pudores e os recatos.
 - **Caroba** - "árvore grande e forte"; empregada de Euricão; é a personagem que desenvolve toda a rede de intrigas que envolve os casamentos.
 - **Pinhão** - "fruto rústico"; empregado de Eudoro; é noivo de Caroba; representa a busca da liberdade.

- **Eudoro** - "EÚDOROS"- composto por "eú" (bom,bem) e de "dôron" (o generoso); pai de Dodó; é ex-noivo de Benona e pretendente de Margarida; representa a burguesia.
- **Dodó** - redução do nome Eudoro (indica a submissão do filho ao pai); é o filho de Eudoro; noivo de Margarida.



EXERCÍCIOS

Questão 01

Ariano Suassuna é autor de uma obra numerosa, com reconhecimento nacional. Atendo-se exclusivamente ao texto *O Santo e a Porca*, analise as afirmações abaixo.

- I. *O Santo e a Porca* é uma peça teatral, pertencente ao gênero comédia. Para escrevê-la, Ariano buscou inspiração numa comédia de Plauto, dramaturgo romano que viveu entre os séculos III e II a.C.
- II. O tema central do texto de Suassuna é a avareza, assunto que gerou, ao longo de nossa história ocidental, muitas obras, sobretudo as de caráter cômico ou moral.
- III. Um efeito cômico relevante da obra de Ariano Suassuna é derivado do engano que consiste em se tomar uma coisa por outra, como nas cenas em que as personagens interpretam equivocadamente uma determinada situação.
- IV. Ao final da peça, todas as personagens conseguem ser felizes com seus pares, exceto o protagonista, Euricão, que termina a história sozinho, com a porca e a imagem de Santo Antônio, tentando compreender o sentido da existência.
- V. *O Santo e a Porca* deixa aos leitores e espectadores a seguinte moral: quem se preocupa com dinheiro e não dá atenção aos santos sempre termina a vida rico, mas sem poder usufruir da companhia dos outros.

Considerando os itens, assinale a alternativa correta.

- a) Apenas I, II e V incorretas.
- b) Todos corretas.
- c) Apenas II, III e IV corretas.
- d) Apenas V incorreta.

Questão 02

- I. A proposta estética de Ariano Suassuna, a qual se mostra também no texto *O Santo e A Porca*, é criar uma arte de raízes populares, conjugada com o legado erudito da cultura ocidental.
- II. *O Santo e A Porca* é um auto natalino, em que as personagens representam um drama que será rematado por uma moral de teor cristão e católico.
- III. O título da obra se explica no contexto da peça: o Santo corresponde a Santo Antônio, que aparece ao protagonista para lhe dar uma lição de moral, e a porca é uma alegoria do pecado da gula vivido pelo mesmo protagonista.
- IV. Euricão é uma personagem tão avarenta que chega a ser cômica: finge ter uma vida modesta, mas acumula todo dinheiro que ganha. Ao final da peça, descobre que suas cédulas já envelheceram e não valem mais nada.
- V. No desfecho, a personagem Euricão está sozinha, com o santo e a porca na mão, decidido a juntar novamente sua fortuna, à custa de muito suor e de muita privação.

Analise os itens e assinale C ou E.

3. Sobre a peça *O santo e a Porca*, de Ariano Suassuna, é incorreto afirmar:



- a) *O Santo e a Porca* é uma peça que, aparentemente, trata de um tema simples, que é a avareza, em tom de humor por ser uma comédia.
- b) A peça não contribui para a reflexão e divulgação da cultura nordestina.
- c) As personagens estão intimamente ligadas ao enredo e vice-versa. Essas são as duas forças principais que regem um texto dramático.
- d) Na apresentação de sua peça *O Santo e a Porca* (1957), Ariano Suassuna subintitula-a de "Imitação Nordestina de Plauto", referindo-se à *Aulularia*, do autor latino Plauto.
- e) O texto promove uma reflexão sobre a relação do ser humano com o mundo físico (representado pela porca) e o espiritual (representado por Santo Antônio).

Questão 04

DODÓ: Mas dizer tudo como, meu bem? Não tenho um tostão meu, meu pai é contra a ideia de eu me casar sem estudar, seu pai só deixa você casar com um homem rico... O que é que eu posso fazer contra este inferno?

MARGARIDA: Talvez se seu pai soubesse que a noiva sou eu, permitisse o casamento e lhe desse terra para você trabalhar. Ele gostou tanto de mim quando estive lá!

DODÓ: E eu mais ainda, tanto assim que abandonei meu estudo e vim me meter nesse armazém por sua causa.

MARGARIDA: Mas com a chegada de seu pai, tudo se complica! Ele vai descobrir!

DODÓ: Talvez você tenha razão, é melhor confessar. Quando ele chegar, descobrimos tudo e ficamos de joelhos diante dos dois, pedindo consentimento para nos casar.

CAROBA: O senhor quer um conselho?

SUASSUNA, Ariano. *O Santo e a Porca*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2005. p. 44.

Com base no texto, faça o que se pede.

- a) Exponha, em um parágrafo, as artimanhas empreendidas por Dodó para se aproximar de Margarida e se instalar no armazém.
- b) A personagem Caroba é de suma importância para o desenrolar das ações na peça. Justifique, com exemplos da peça *O Santo e a Porca*, essa afirmação.

Questão 5

Depreende-se, da leitura de *O Santo e a Porca*, que Ariano Suassuna, ao dialogar com a tradição, retomando a comédia *Aulularia*, de Plauto, e *O Avaro*, de Molière, recriando-as a partir de aspectos regionais e universais, associa

- a) o popular ao erudito.
- b) a arte renascentista ao pós-moderno.



c) o grotesco ao sublime.

d) o cômico ao trágico.

8) TERRA SONÂNBULA()

SOBRE O AUTOR: Mia Couto

SOBRE O LIVRO:

- Romance histórico/ “biográfico”;

CARACTERÍSTICAS DO AUTOR

AUTOR

- Nascido na Beira, em Moçambique, Antônio Emilio Leite Couto, conhecido como Mia Couto publicou Terra Sonâmbula em 1992;
- Mesmo ano em que teve fim a guerra civil que tomava seu país.
- Descreve a Moçambique pós guerra, denuncia os horrores da guerra civil. Durante os anos de guerra o próprio Mia Couto se posicionou a favor da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), e acabou abandonando o curso de medicina e seguindo para o jornalismo, depois biologia e por fim a literatura.
- Terra Sonambula foi considerado um dos 12 melhores livros de África do século XX. Neste obra, o autor narra a construção da nação moçambicana, ou pelo menos a busca por esta construção, da qual também viveu e participou.

CARACTERÍSTICAS DA OBRA

- Mia Couto inicia o livro descrevendo a paisagem moçambicana:
- “Naquele lugar, a guerra tinha morto a estrada. Pelos caminhos só as hienas se arrastavam, focinhando entre cinzas e poeiras. A paisagem se mestiçara de tristezas nunca vistas, em cores que se pegavam à boca. Em cores sujas, tão sujas que tinham perdido toda a leveza, esquecidas da ousadia de levantar asas pelo azul. Aqui o céu se tornara impossível. E os viventes se acostumaram ao chão. Em resignada aprendizagem da morte”. (COUTO, 2007, p.9)
- Estilo:
- Brinca com as palavras;
- “Brincreações”
 - Desconvenceu



- Euzinha
 - Sonhabulante
 - Anjonautas
 - Mulçomanias
 - Desencorpou
-
- Mistura do histórico com o fantástico;
 - Oralidade
 - Oh pá (= então)
 - Vá vó
 - Não conhece nenhum bocadinho de ninguém (pleonasma)
 - Verdade absoluta
 - O homem é como a casa, deve ser visto por dentro
 - Sabedoria popular
 - Reescreve ditados populares
 - Em terra de cego, quem tem um olho, vai perder
 - Vivia só, mas só mal acompanhado
 - Poeticidade
 - musicalidade
 - metaforiza o seu texto.

Fome e guerra

- Gaspar: filho de Fadira com Romão Pinto.
- Muidinga: criança
- Tuahir : velho, ancião; tenta demonstrar seu amor, do seu modo, por Muidinga, tenta proteger.
- Kindzu: deseja ser um raparama (guerreiro contra os fazedores de guerra)
 - Filho de Taímo
 - Irmão de junhito

- Romão Pinto : figura portuguesa, simbólica do colonizador, daquele que realiza coisas irregulares.

Identifica-se na obra:

- Elementos da cultura africana
- Valorização daquilo que está esquecido/ tradição do país;
- Mistura isso com os elementos populares, crenças, valores populares, ditados, elementos folclóricos;
- Narrativa fantástica (influência do sobrenatural): mãos que brotam da terra, animais que caem do céu, morte como semear da terra.
- Há críticas econômicas, sociais, bélicas.
- Papel da mulher na sociedade africana: farida → nasceu gêmea e uma deve morrer. Ela será condenada. Não há culpa.
- Virgínia (origem port.): louca
- Surendre avalar (indiano): sofre preconceito por ser estrangeiro.



Temas:

- Morte;
- A criança conta a história para o adulto, inversão do natural;
- O velho está sem esperança, o novo conduz o velho. (metáfora do novo Moçambique que tenta recriar o velho Moçambique.)
- Preconceito racial;
- Problemas sociais;
- Cultura africana;

Enredo

Encontro dos diários de kindzu

1º caderno

Volta a história de Tuahir e Muidinga

2º caderno

(...)

As histórias se entrecruzam e se coincidem no final.

Muidinga come uma mandioca envenenada e quase morre, é salvo por Tuahir.

O envenenado perde a memória, o qual ao ler os diários vai lembrando dos fatos vividos. Duas macro-narrativas que se encontram ou algumas pequenas histórias que se complementam.

A metáfora da estrada que une os acontecimentos dos 3 personagens. Ela representa o caminho, a vida, a existência.

O fogo representa a destruição e a repressão. A morte de Kindzu.

- Kindzu é filho de Taímu.
- Um dos filhos de Taímu nasce em dia da indep. = nome dele vintecinco de junho. = junhito
- Guerra e pobreza.
- Taímu pensa que o filho junhito será buscado
- Junhito some e o pai bebe até morrer
- A mãe de Kindzu fica muda



- Kindzu é amigo de um indiano: Surendra
- Kindzu decide ser um guerreiro, buscando sua identidade (semelhantemente a Muidinga)
- Kindzu vê o fantasma do pai? Ou apenas uma fantasia?
- Ele chega em matimati
- Não o querem ali e é contato que houve um naufrágio e depois uma tempestade.
- Kindzu é levado até o navio e conhece a moça chamada Farida, a qual mora no navio abandonado.
- Gaspar é filho de Romão Pinto e Farida, fruto de uma violência sexual
- Simboliza a união entre as duas raças
- Ela tenta encontrar Gaspar que Romão levou dali, mas não encontra.
- Farida pede a Kindzu para encontrar Gaspar.
- Kindzu se apaixona de Carlinda
- Administrador é pai de Carlinda
- Feiticeiro fala dos monstros, da agonia de Moçambique, metáfora do destino do país.
- Ônibus é emboscado e Kindzu morre.
- Na leitura da última carta, Muidinga descobre que ele é o próprio Gaspar, recuperando, assim, a própria memória.

EXERCÍCIOS

Questão 01

Leia o seguinte trecho da obra *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto, extraído do Sexto caderno de Kindzu, subtintulado *O regresso a Matimati*.

Lembrei meu pai, sua palavra sempre azeda: agora, somos um povo de mendigos, nem temos onde cair vivos. Era como se ainda escutasse: - Mas você, meu filho, não se meta a mudar os destinos. Afinal, eu contrariava suas mandanças. Fossem os naparamas, fosse o filho de Farida: eu não estava a deixar o tempo quieto. Talvez, quem sabe, cumprisse o que sempre fora: sonhador de lembranças, inventor de verdades. Um sonâmbulo passeando entre o fogo. Um sonâmbulo como a terra em que nascera. Ou como aquelas fogueiras por entre as quais eu abria caminho no areal. (Mia Couto, *Terra Sonâmbula*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015, p. 104.)

Na passagem citada, a personagem Kindzu recorda os ensinamentos de seu pai diante do estado desolador em que se encontrava sua terra, assolada pela guerra, e reflete sobre a coerência de suas ações em relação a tais ensinamentos. Levando em consideração o contexto da narrativa do romance de Mia Couto, é correto afirmar que:

a) A demanda realizada por Kindzu e que é relatada em seus cadernos funciona como uma forma de fuga para a personagem Muidinga, que se aliena da realidade da guerra pela leitura dos cadernos, indicando de modo inequívoco a função social da literatura.

b) A narrativa contida nos cadernos de Kindzu, lida por Muidinga e Tuahir, representa o universo onírico e se contrapõe à realidade objetiva das duas personagens, razão pela qual ambas as narrativas aparecem no livro de modo intercalado, sem, necessariamente, haver uma interseção entre elas.



c) Segundo a personagem Kindzu, a sua terra, sonâmbula como ele, seria um lugar da sobreposição entre sonho e realidade, tal como ocorre na narrativa que registra em seus cadernos, em que é impossível o estabelecimento de uma delimitação entre o onírico e o real.

d) O sonho, sugerido pelo termo “sonâmbulo”, contrapõe-se à realidade da guerra, sugerida pela palavra “fogo”; terra sonâmbula seria, pois, um lugar em que os limites entre realidade e sonho aparecem bem delimitados e no qual as personagens estão condenadas definitivamente à miséria da guerra.

Questão 02

Quando se compara o romance de Mia Couto, *Terra Sonâmbula*, com o conto "A hora e vez de Augusto Matraga", pode-se dizer que em ambos os textos

- A) a linguagem é elaborada a partir de uma única variante linguística, é impermeável
- B) há diversidade em relação ao ambiente retratado, pois o conto se passa num ambiente regional e o romance desenvolve-se no ambiente de uma metrópole africana, arrasada pela guerra civil.
- C) em ambas as narrativas, nota-se a presença de mitos que estão inseridos nas culturas retratadas.
- D) a morte épica, motivada por uma questão de fé e de justiça, traz a redenção de Augusto Matraga, no conto; e de Taímo, no romance.

Questão 03 (UFU)

[Siqueleto] encara os prisioneiros com um só olho enquanto fala na língua local. Tuahir traduz:

– Ele diz que nos vai semear. – Semear? [...] Muidinga, então, se excede. Grita. O velho aldeão se atenta para escutar, através da tradução de Tuahir. [...] Mas o desdentado aldeão já anoitecera, queixo no peito. Seu mundo já era esse que Tuahir anunciara, de extensos sossegos. O próprio Muidinga está como se encantado com as palavras de Tuahir. Não é a estória que o fascina mas a alma que está nela. E ao ouvir os sonhos de Tuahir, com os ruídos da guerra por trás, ele vai pensando: “não inventaram ainda uma pólvora suave, maneirosa, capaz de explodir os homens sem lhes matar. [...] Por um buraco da rede Muidinga consegue retirar um braço. Apanha um pau e escreve no chão. – Que desenhos são esses?, pergunta Siqueleto. – É o teu nome, responde Tuahir. – Esse é o meu nome? O velho desdentado se levanta e roda em volta da palavra. Está arregalado. [...] Solta Tuahir e Muidinga das redes. São conduzidos pelo mato, para lá do longe. Então, frente a uma grande árvore, Siqueleto ordena algo que o jovem não entende. – Está a mandar que escrevas o nome dele. [...] No tronco Muidinga grava letra por letra o nome do velho. Ele queria aquela árvore para parteira de outros Siqueletos, em fecundação de si. [...] – Agora podem-se ir embora. A aldeia vai continuar, já meu nome está no sangue da árvore.

COUTO, Mia. *Terra sonâmbula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p.63-67. (Adaptado).

Terra sonâmbula trata da guerra civil em Moçambique pós-independência. O autor tece uma escrita em que ocorre a todo o momento o contato do antigo com o novo, das gerações antigas com as novas. Por meio desses contatos, com a finalidade de que a nação sobreviva, compreende-se que a obra propõe



- a) um conhecimento ancestral sobreposto ao costume moderno.
- b) uma relação de interdependência entre a geração antiga e a nova.
- c) uma unificação por meio da língua para a harmonia entre as gerações.
- d) uma condescendência das novas gerações para com as antigas gerações

Questão 04 (UFU)

Texto I

De facto, a única coisa que acontece é a consecutiva mudança da paisagem. Mas só Muidinga vê essas mudanças. Tuahir diz que são miragens, frutos do desejo de seu companheiro. Quem sabe essas visões eram resultado de tanto se confinarem ao mesmo refúgio. Por isso ele queria uma vez mais partir, tentar descobrir nem sabia o quê, uma réstia de esperança, uma saída daquele cerco.

COUTO, Mia. Terra sonâmbula. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 61.

Texto II

As ondas vão subindo a duna e rodeiam a canoa. A voz do miúdo quase não se escuta, abafada pelo requebrar das vagas. Tuahir está deitado, olhando a água a chegar. Agora, já o barquinho balouça. Aos poucos se vai tornando leve como mulher ao sabor de carícia e se solta do colo da terra, já livre, navegável. Começa então a viagem de Tuahir para um mar cheio de infinitas fantasias. Nas ondas estão escritas mil histórias, dessas de embalar as crianças do inteiro mundo.

COUTO, Mia. Terra sonâmbula. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p.189.

- a) Levando-se em consideração o texto I e a leitura da obra, explique, em um parágrafo, o porquê de somente Muidinga ver as mudanças da paisagem.
- b) Levando-se em consideração a leitura da obra, explique, em um parágrafo, uma ideia sugerida pelo último período do texto II.

A impressão deste material não é obrigatória.

